ILUSTRAÇÃO

N.º 315 — 14.º ano

Chamberlain e Mussolini sorriem... afectuosamente

-FEVEREIRO-1939

PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

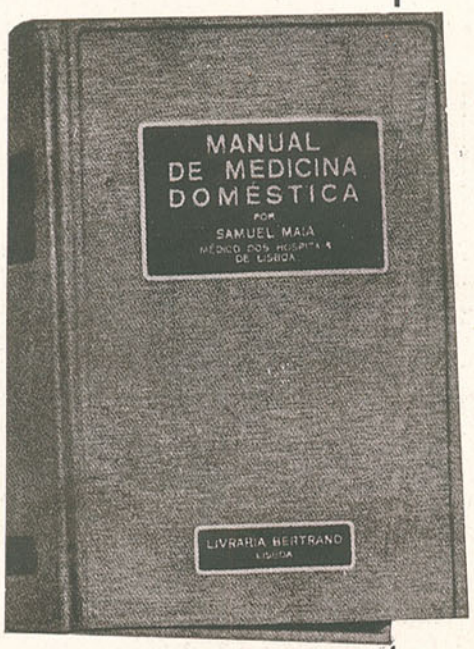
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

ACABA DE APARECER

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda um novo romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE:— 2 0535

1-FEVEREIRO-1939
N.º 815 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AS DELICIAS DA NEVE

FRIO... Neve... Desporto... Prazer...

Que diriam as nossas avós se pudessem ver as habilidades que as suas netas andam fazendo sôbre essa mesma neve que outrora as impossibilitava de saír de casa e as enregelava até os ossos?

Tudo mudou, e a tal ponto que, por entre êsses divertimentos gelados, as gentis patinadoras, as condutoras de trenó, as esquiadoras tão leves como arvéolas, ririam de nós se lhes pretendêssemos comunicar a emoção da *Balada da Neve*.

Batem leve, levemente,
Como quem chama por mim...

— Ah! já sei! — diria uma das esquiadoras — deve ser a Adelaide que vem chamar-me para a Nave de Santo António...

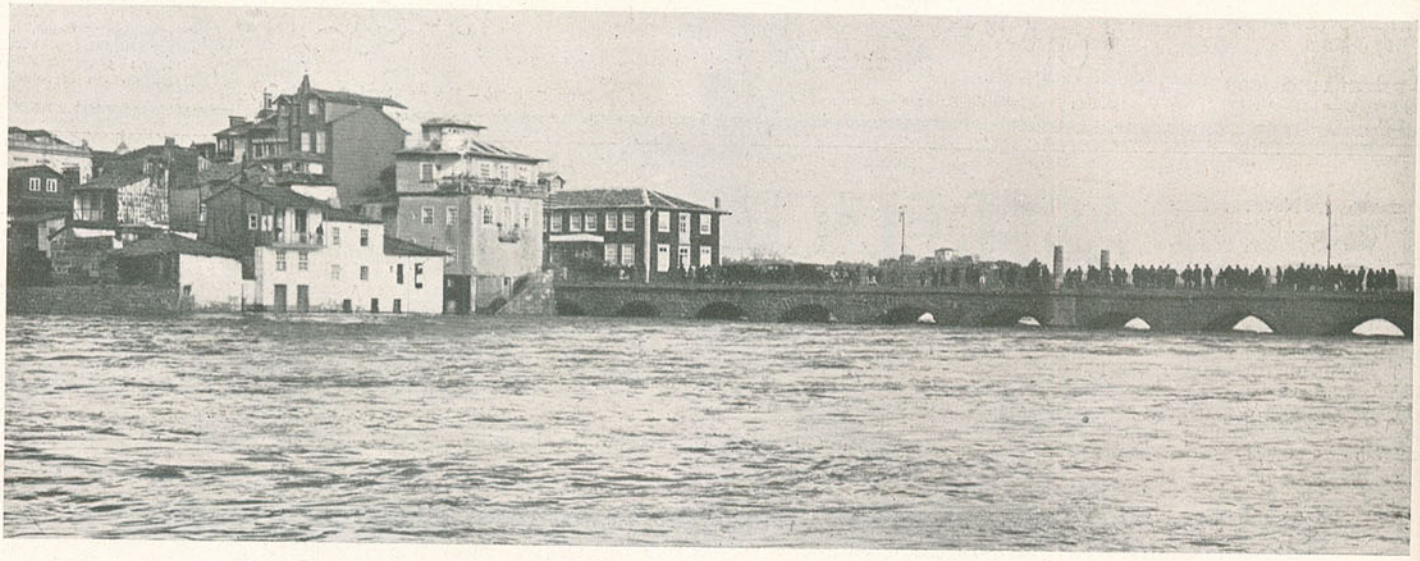
E se continuássemos a recitar a formosa poesia de Augusto Gil, quando chegássemos aos "traços miniaturais duns pèitoss de criança", salientando que

E descalcinhos, doridos
A neve deixa inda vê-los
Primeiro bem difinidos,
Depois em sulcos compridos,
Porque não podia erguê-los!

a esquiadora sorriria ainda, talvez com pena da tal criança que nem patinar sabia consoante às últimas regras do desporto.

Frio... Neve... Desporto... Prazer...

A INCLEMÊNCIA DO TEMPORAL



Chaves foi também visitada pela cheia. O seu formoso rio Támega, tão murmuroso e sossegado, enraiveceu-se desta vez e invadiu os bairros da parte baixa da cidade. As águas quási atingiram o tabuleiro da ponte romana que separa o bairro da Madalena do resto da cidade

Aveiro — Veneza portuguesa — teve água a mais. A ponte dos Suspiros foi feita desta vez com a ansiedade da população. A gravura acima mostra um aspecto da inundação na pitoresca cidade. — A' direita: Destroços causados por um desabamemento no Alto do Pina, em Lisboa durante o temporal

O aspecto que oferecia a vila de Constância com a sua parte baixa inundada pelo Tejo — A' direita: A Praça da República em Vila do Conde inundada pelo rio Ave. Estas fotografias dão uma ideia da violência do temporal que durante alguns dias fustigou o País inteiro

ECOS DA QUINZENA

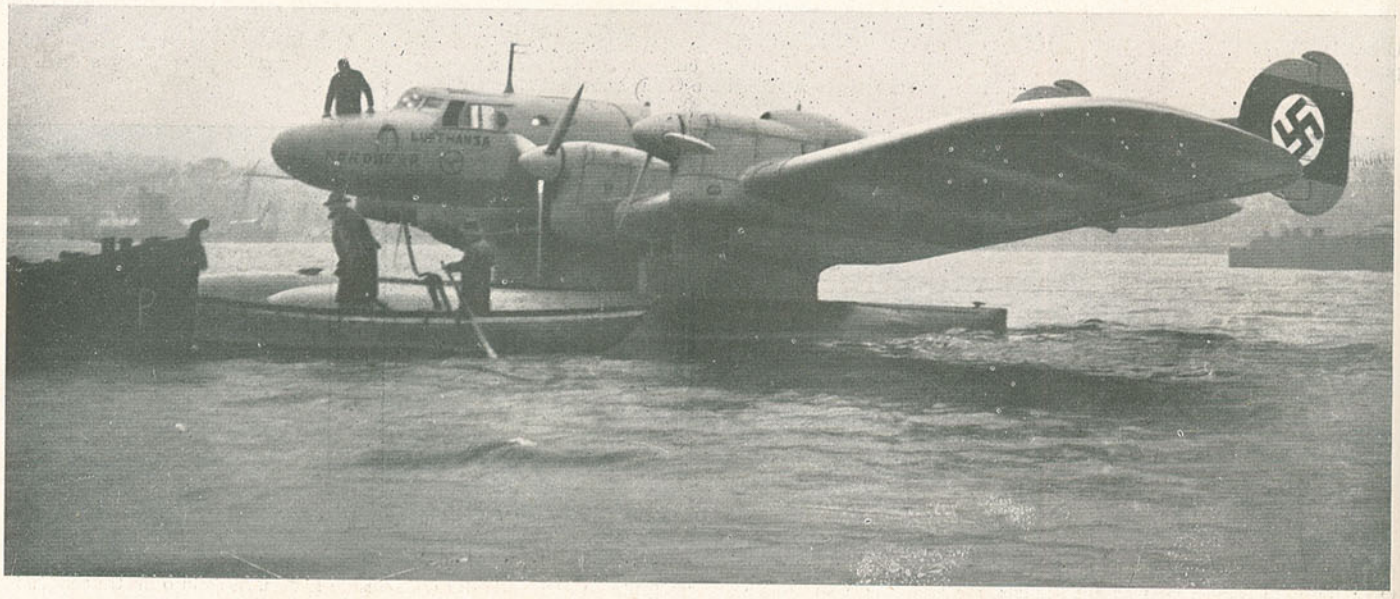
O sr. dr. Serras Silva com o grupo de amigos e colaboradores que lhe prestaram homenagem, após um ano decorrido sôbre a sua passagem à disponibilidade, atingido pelo limite de idade. — *A' direita:* Um aspecto da entrega dos berços às mães operárias, promovida pela direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional e o Comissariado da Mulher Portuguesa

O sr. Cardial Patriarca presidindo à sessão comemorativa do 80.º aniversário da fundação da Associação Protectora das Meninas Pobres. — *A' direita:* O sr. dr. Júlio Dantas com os académicos que assitiram à sua posse de presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Assistiu o ilustre académico dr. Afrânio Peixoto que traçou o perfil do sr. dr. Júlio Dantas lembrando os altos e contínuos serviços por êle prestados aquela douta corporação

Um trecho da assistência ao chá oferecido aos representantes da Imprensa, na Legação da França, pelo sr. Ministro Amé Leroy e sua Esposa. Esta festa teve um cunho de grande afabilidade e gentileza que penhorou todos os que a ela assistiram. O encanto dessa tarde tão bem passado teve a sua maior expressão numa visita às salas principais do palácio e nas explicações que o sr. Amé-Leroy deu às pessoas presentes, com superior erudição, de alguns factos históricos e artísticos ligados estreitamente àquela casa de tão nobres tradições.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O professor dr. Alfredo Soares, antigo director da Casa Pia onde também foi professor, e que terminou a sua brilhante carreira exercendo o magistério na Escola Comercial Veiga Beirão, rodeado pelos seus alunos por ocasião da significativa homenagem que lhe prestaram ao atingir o limite de idade. — *A' direita:* o sr dr. Costa Sacadura com a comissão de enfermeiros que lhe prestaram homenagem

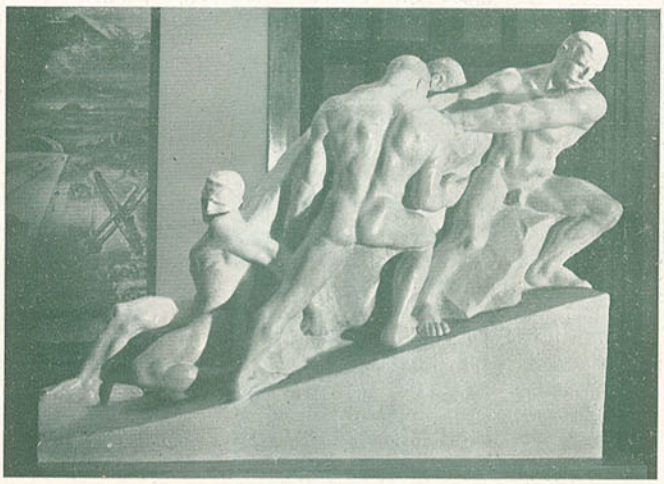


O quadrimotor «Nordmeer» que, acossado pelo temporal, fez uma amaragem forçada junto da barra do Douro, quando se destinava a Lisboa, na sua carreira da Alemanha à América do Sul. Os pilotos daquela barra conseguiram, após porfiados esforços, salvar o aparelho e os seus cinco tripulantes

Dois trágicos aspectos do desastre ocorrido na Ponte da Bôca, entre Albergaria-a-Velha e Águeda. Um automóvel guiado pelo conhecido árbitro de *foot ball* Manuel de Oliveira, foi arrastado pela cheia do rio Vouga, morrendo a esposa daquele desportista, os seus dois irmãos e uma cunhada

ALEM-FRONTEIRAS

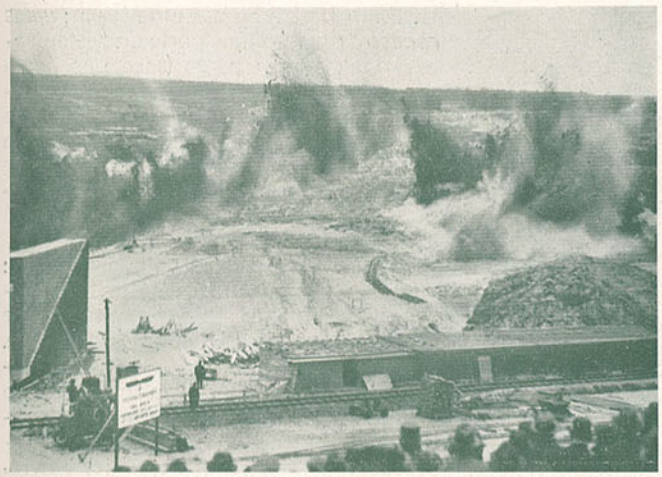
O generalíssimo Franco saíndo da catedral de Santiago após a celebração duma festa em acção de graças pelas vitórias alcançada pelo Exército nacionalista espanhol sôbre as forças vermelhas



O monumento ao Trabalho Humano que vai ser levantado cerca de Salzburgo, ao pé da frente dos Alpes, tendo as figuras nove metros de altura. Ficará junto da auto-estrada

O sr. Daladier, chefe do Govêrno francês pronunciando algumas palavras ao microfónio, à sua chegada a Paris, após a sua visita à Corsega e à Tunisia que a Itália reclama

Um aspecto de Capebreton, (em Landes) após o terrivel temporal que arrasou aquela pitoresca povoação francesa, causando importantes prejuizos. A gravura acima dá uma ideia da catástrofe



Sistema prático adoptado pelos alemães para a construção de auto-estradas. Os pantanos são rebentados por sucessivas explosões, encontrando-se base sólida a 11 metros de profundidade

Sessão solene celebrada na Sorbonne para comemoração do centenário da fotografia. A nossa fotografia mostra o momento em que discursa o ministro da Educação Nacional, M. Jean Zay

A carga à baioneta (Fragmento de uma gravura inglesa da época)

O MUSEU DAS GAEIRAS

PARA ESTUDO DA GUERRA PENINSULAR

Não conhecem o Museu da Guerra Peninsular da Casa das Gaeiras? Pois vale a pena. Fica perto das Caldas da Rainha e está instalado na linda casa que foi do célebre médico dr. António Gomes da Silva Pinheiro, uma figura curiosa e utilíssima durante as invasões napoleónicas. Sabemos que o dr. Pinheiro ocupara o cargo de administrador do Hospital das Caldas da Rainha desde 1799 a 1833 e que em 7 de Março de 1828 fôra nomeado físico-mór do Reino. Tanto a sua acção como administrador daquele hospital, especialmente durante as invasões francesas, como a assistência que prestou aos feridos do exército anglo-luso por ocasião de várias batalhas, grangearam a êste ilustre clínico a geral admiração.

Pois é na casa que pertenceu ao dr. Pinheiro, que o seu actual proprietário, sr. Frederico Pinto Bastos, marido da neta do glorioso médico, instalou o Museu.

Numa curta visita que ali fizemos, o sr. Pinto Bastos orientou-nos com profunda sabedoria aliada a uma paciência evangélica.

Cita datas, nomes, batalhas, descreve factos, mostra documentos, está ao facto de tudo.

Ao dar pela nossa admiração, refugia-se na sua modéstia:

Ora! o pouco que sei devo-o aos ensinamentos que aproveitei dos srs. coronel Henrique Ferreira Lima, padre Ernesto Sales, coronel Júlio Alegria e general Teixeira Botelho...

E voltando ao assunto, salienta:

— A guerra da Peninsula nunca se poderia ter dado, sem a batalha naval de Trafalgar em que Nelson desfez a esquadra francesa ficando assim os mares livres e podendo os ingleses transportar as suas tropas e víveres livremente.

— Mas, segundo se diz, as forças franceses eram muito superiores às espanholas e às dos aliados anglo-lusos.

— E' verdade. Mas desentendimento que havia entre os generais franceses, as diversas Juntas de Espanha e as guerrilhas independentes, conseguiram o desenlace. Embora Wellington classificasse as suas tropas como "a escória da sociedade", e os soldados portugueses fôssem simples recrutas, conseguiu-se o prodígio. Com um comando único e bem obedecido, Wellington venceu.

Depois, orgulhoso do seu Museu, o sr. Pinto Bastos vai-nos mostrando as preciosidades que ali coleccionou.

E esclarece:

— Fora os livros considerados "pilares" sôbre a Guerra Peninsular como Chaby, Napier, Accursio das Neves, Victoriano José Cesar, Soriano, Teixeira Botelho, Ferreira Gil, Cristovão Aires, Charles Oman, Thiebault, Fririon, John Jones, Foy, e as ordens do dia de Beresford e Wellington por Gurwood, tenho os seguintes livros, muito interessantes para quem queira estudar esta época, e que me foram indicados pelo General Teixeira Botelho, a saber: *Wellgton's Army*, por Oman, *Dickon's manuscripts*.

E declara com mágoa:

— Existem também os "Services of the Royal Regiment of Artillery in the Peninsular War" por Leslie, que ainda não pude obter.

Não conseguiu obter por agora, mas, em face de uma tal pertinácia, não levará muito tempo que o Museu das Gaeiras possua o apetecido volume.

Mas o sr. Pinto Bastos prossegue:

— Como curiosidade vou mostrar-lhe o livro intitulado *Do sitio de Lisboa*, por Vasconcelos, com data de 1608, por vir nêle a primeira referência à possivel defesa da capital, por meio de defesas construídas ao norte da cidade.

Uma caricatura mostrando uma lição de estrategia

Depois mostra-nos a preciosa colecção de trinta e tal mapas ou cartas da época, a maior parte militares, que é talvez a melhor que existe, no País, pelo menos.

Na secção documentos, apresenta-nos cartas de Wellington, Beresford, Massena, Junot, Foy, etc. etc. Mas o documento mais interessante que ali se encontra, é, a nosso ver, o processo original contra o general Pamplona, o celebrado conde de Subserra, acusado de alta traição, e que, graças à sua esperteza e duplicidade de caracter, se salvou, acabando por atingir as cadeiras do Poder. Vimos tambem a carta de João A. Salter de Mendonça louvando o dr. António Gomes da Silva Pinheiro pela forma como foram tratados os feridos portugueses e ingleses do combate da Roliça, no Hospital Real das Caldas da Rainha. Vimos também a carta do marquês de Angeja, aconselhando o rei D. João VI a preparar as suas coisas para fugir para o Brasil. Examinamos ainda um atestado passado por Fririon em que se garante que os oficiais portugueses nunca tinham combatido contra as tropas portuguesas.

Admiramos o tinteiro de mármore que, durante perto de cem anos, esteve na Sala da Convenção, do Palácio de Seteais, em Sintra. Êste tinteiro é conhecido por tôda a família dos senhores condes de Azambuja como tendo servido a sir Hew Debrymple.

Vimos também *uma mesa-carteira*, que foi de James Duff, pagador-chefe, juntamente com Stuart, em Cadiz, de todos os dinheiros fornecidos pela Inglaterra para o sustento da Guerra Peninsular; uma *espingarda "Baker" e Alabarda de Marinha* oferecida pelo Museu Militar de Lisboa, em reconhecimento de trabalhos, livros, balas e mapas oferecidos pelo sr. Pinto Bastos ao mesmo Museu; *umas canastras* para o transporte de "estopins" e cartuchos para peças (sacos) ao dorso de cavalos e mulas; *uma granada* Schapnel de calibre 6, ainda com 17 balas da sua carga, encontrada perto da Foz de Arouce; e *uma espoleta* de madeira de 1812, oferecida pelo Real Museu de Artilharia de Woolwich, apesar de ali só existirem dois exemplares.

E o sr. Pinto Bastos volta a dissertar:

— Faz lá ideia do que é preciso procurar para se conseguir alguma coisa de concreto e preciso! Uma tortura, acredite. E ainda quando a nossa tenacidade é recompensada, bem está. Mas quando tudo escasseia? Em todos os trabalhos de investigação documentada a que tenho procedido encontrei sempre a maior dificuldade em obter dados precisos. Seja o assunto que fôr, logo que se saia do trivial, surgem logo obstáculos de toda a espécie através de um Sahará de ignorância. Mas não pense que isto sucede só no nosso País, onde — diga-se em abôno da verdade — é que mais se consegue. Nas estações oficiais, tanto da Inglaterra como da França, nem calcula por sombras o que observei. Dois exemplos tão significativos como eloqüentes: Na Inglaterra, pouco ou nada se sabe de positivo àcêrca de "Shrapnel", não obstante ser uma descoberta feita e usada em primeira mão pelos ingleses. O único exemplar que possuem é uma granada encontrada na Redinha e oferecida ao professor Charles Oman, que por sua vez, a ofereceu ao Royal United Service Institution. Quanto à espingarda "Baker", que foi a primeira estriada pelos exércitos inglês e português, pouco se sabe. As balas disparadas por esta arma, que se encontram no Museu Real de Artilharia de Woolwich, foram oferecidas por mim. Em França, por exemplo, não se sabe da cópia da Convenção de Sintra ratificada por Sir Hew Delrymple, o mesmo sucedendo com as ordens do dia de Massena, referentes aos anos de 1810 e 1811, e assim por diante. Por aqui pode avaliar a minha arrelia, pois tenho um trabalho importante paralizado.

Estou estudando há dois anos a razão que levou a Convenção efectuada entre Junot e Sir Hew Delrymple a chamar-se de Sintra. Parece uma futilidade, mas não é. No Arquivo do Ministério da Guerra em Paris não se encontra a cópia em inglês, embora lá tivesse existido. Segundo a informação oficial farnecida pelo coronel Altayrac ao nosso ministro em Paris, êste documento ou se extraviou ou foi roubado!

Uma sala do Museu das Gaeiras

E, referindo-se ao seu esfôrço, remata:

— A orientação que tenho seguido é mais a de conseguir uma sala de estudo do que o que vulgarmente se classifica de museu. Portanto, todos aqueles que queiram estudar, serão sempre benvindos. O meu maior prazer consiste em facultar a quem estuda algum elemento útil e desejado.

ÂNGELO PEREIRA.

A batalha do Buçaco (Gravura da época)

FIGURAS E FACTOS

O ilustre prof. major J. Reis Gomes, director da Escola Industrial e Comercial do Funchal, agradecendo aos professores e alunos a manifestação de que foi alvo ao abandonar o seu cargo por ter atingido o limite de idade. O homenageado, escritor consagrado e pedagogo com cêrca de quarenta anos de magistério teve ocasião de avaliar o alto grau de simpatia, carinho e consideração em que é tido por todos os que durante tantos anos aproveitaram os seus doutos ensinamentos. — *(Foto Vicentes)*

Amadeu de Freitas, escritor talentoso e jornalista brilhante, acaba de publicar mais um romance — *Mulher Redimida* — em que foca um episódio da vida moderna. Nas páginas empolgantes que lemos, notamos que, a par da prosa elegante do seu autor, há a verdade palpitante que o psicólogo trouxe até nós sem a desfigurar. Esta nova obra do festejado autor das *Três raparigas em liberdade* vai obter um novo êxito

Via Latina é o novo livro do dr. Caetano Beirão, cujos trabalhos de investigação histórica têm hoje um lugar especial na estante dos eruditos. Neste livro de impressões de viagem e estudos de literatura, há páginas magníficas sôbre a Espanha e a Itália em que se patenteia o historiador, o crítico e o reporter de impressionante originalidade. O dr. Caetano Beirão conseguiu mais um triunfo na sua carreira

O dr. Arlindo Camilo Monteiro que, à sua profunda ciência reune as faculdades de um escritor de raro mérito, acaba de publicar, em separata do *Petrus Nonius*, um magnífico estudo sôbre *Les doctrines médicales de William Cullen et de John Brown en Portugal et en Espagne*. Embora o autor designe por esbôço o seu trabalho, os traços dados vincam obra perfeita e erudita

Cantando sempre... é o título de um novo livro de versos que a poetisa sr.ª D. Beatriz Arnut acaba de publicar. Reune num elegante voluminho cem quadras ao sabor popular. Ela própria diz que «foi do sentimento, da suavidade e da ternura que essas quadras espalharam no meu peito que nasceu a modesta flor da minha inspiração: — esta vontade constante que eu tenho de cultivar a poesia»

A missão científica brasileira constituida por professores e alunos da Faculdade de Medicina de S. Paulo, na sua visita à Embaixada do Brasil, com o ilustre representante diplomático do país irmão, sr. dr. Araujo Jorge. Esta missão, portadora duma mensagem para o Chefe do Estado, visitou os nossos principais museus e monumentos. — *A' direita:* O comandante Harlmers da divisão da Armada inglesa que visitou o porto de Setúbal

OS DOIS AMORES

O amor pode subdividir-se em duas sensações absolutamente diferentes, e ambas podem ser intensamente sentidas, segundo o temperamento e até a mentalidade e faculdades sentimentais das pessoas a quem qualquer dêles afecta.

Há criaturas que são apenas receptadoras duma espécie de vibração — aquela comandada pelos sentidos ou seja o amor carnal.

Fora desta sensação, nada comove esses homens ou mulheres, nada os inquieta, nada os satisfaz, tão completamente. São criaturas animais-perfeitos, perfeição obtida á custa da alma que trazem vazia de qualquer sentimento, a não ser uma indiferença bem marcada por tudo que não interessa a sua sensualidade.

E aqui neste ponto é preciso distinguir e dizer que os homens são mais adaptaveis às exigências dos sentidos com a habilidade de separar o espírito das suas sensações.

E há-os até com uma vida sexual pouco limpa, pela facilidade com que escolhem as suas parceiras, sem outra aspiração que não seja uma aventura a mais e às vezes só mais um número no activo das suas necessidades fisiológicas.

■

Para um homem desta espécie a mulher é apenas uma máquina, um utensilio que age, ao simples aceno de um desejo.

Nunca distingue uma mulher doutra mulher, seja qual for a sua beleza e a sua mentalidade, e até a sua categoria social. São todas catalogadas sob a mesma designação: — fêmeas.

Estes homens são incapazes de vibrar pelo coração, obsecados, bestialisados quási pelos contínuos desabafos da sua animalidade.

Seres assim dotados — incluindo as mulheres que as há também que sofrem dêste vergonhoso mal — melhor ficariam entre os irracionais, e mal empregados nêles o sôpro divino que Deus lhes insuflou e que êles relegam para uma situação inferior á que dão ao seu invólucro mortal, para o qual vão todos os seus cuidados e todas as suas atenções, deixando-o, sem a protecção dum espírito inteligentemente raciocinado, á mercê do vicio, que não só degrada o caracter, como enfraquece a sua resistência física para se agüentarem na luta pela vida.

■

Há quem diga que o amor carnal é aquêle que leva até ao roubo e até ao crime, porque entra no sangue e obriga o homem a todos os sacrifícios, para gosar mais um momento da companhia daquela que lhe prendeu os sentidos.

E' assim, não duvido.

Mas também sei que êsse amor está sujeito ao aborrecimento, e quando o homem se farta, tudo acaba, nada fica senão um nojo profundo por si próprio, por ter desprezado a satisfação da alma, a única de que se guarda saüdade.

■

O amor do coração é o mais puro, o mais santo. E talvez diga melhor que é o único puro e santo, que até nos absolve dos pecados da carne que lhe juntemos.

Porque é certo que mesmo nêste caso a nossa parte animal reclama os seus direitos.

Mas é muito diferente o prazer que se experimenta, sob as carícias do ente amado, quando o coração as recebe em companhia das nossas vibrações sensoriais.

Há pouco quem saiba apreciar êste amor-sentimento, quem saiba repartir com a matéria os seus júbilos, sem lhe aceitar o domínio absoluto.

Criaturas que se deixaram escravisar pelos sentidos estão fora dêste ambiênte de superioridade amorosa, e só em separado podem sentir os dois amores, e muitas delas nunca conseguem sair do círculo restrito do amor físico.

Êsses homens — visto que os homens mais fàcilmente se divorciam do espírito nos seus ímpetos carnais — êsses homens são quási todos iguais, na sua inferioridade animal.

E' preciso realmente que um homem seja dotado duma sensibilidade muito requintada, para poder entregar-se de corpo e alma a uma só eleita.

E êste é o que mais completamente gosa a vida e melhor a compreende.

A mulher tocada pelo ideal do verdadeiro amor que der com um homem assim pode ter a certeza de haver atingido a suprema ventura.

Mas ai daquela a quem lhe couber por sorte um materialão, inconstante e leviano.

Um véu de tristeza descerá para sempre sôbre a sua alma, e aos seus olhos assomará constantemente o espectro duma querida ilusão que morreu.

MERCEDES BLASCO

Ponson du Terrail

ESCRITORES QUE FICAM

A PODEROSA IMAGINAÇÃO DE PONSON DU TERRAIL

e a idolatria de Gomes Monteiro pelo famoso autor do "Rocambole"

I

Um dia, eu estava só, tranqüilamente sentado a uma mesa da *Brasileira do Chiado*, uma das da frente donde melhor se vêm passar, pela tarde, as lindas mulheres da Alta Lisboa — ia dizer donde melhor se ausculta o coração da Lisboa do Chá das Cinco — quando o Gomes Monteiro entrou, relanceou os olhos por tôda a sala, arreou a pasta atafulhada de papéis, e, estendendo-me a dextra, se sentou silenciosamente ao pé de mim.

Somos amigos há poucos anos, mas entendemo-nos como se nos conhecêssemos há meio século: indubitàvelmente vinha de mau humor, e de mau humor não me meto com êle...

João trouxe o cafésinho; o Gomes Monteiro atirou-lhe três colheradas de açúcar (que azêdo!) resmungou algumas palavras ininteligíveis, cruzou a perna, arredando-se um pouco, agitou a colher nervosamente, derramando parte do líquido, e o restante bebeu-o dum sôrvo.

E então interrogou:

— Que lhe parece disto?

Eça de Queiroz

Mas não era suficientemente claro para mim, que levo algum tempo a perceber. Esperei continuação...

Estacou, olhando-me inquisitivamente, como quem exige uma resposta, e, minutos depois, repetiu:

— Que lhe parece disto?

Guardei ainda silêncio, mas o seu semblante entenebrecia-se, tinha já aquele ar de inquietação que prenuncia nêle a aproximação da tormenta... Eu procurava, em vão, atinar com o enigma, e ia já arriscar ao acaso:

— É que, na verdade, aquele Chang-Kai-Chek...

Sùbitamente, o Gomes Monteiro acotovelou a chávena, e destemperou:

— Aquela besta! aquela besta! Levei o Meireles a um alfarrabista, meti-lhe nas mãos um livro de Ponson, e disse-lhe: — Dê-o à sua mulher, que há-de lê-lo todo esta noite; ela o dará à sua sogra, que o devorará amanhã antes do almoço, e à tarde chegará a sua vez. E, quando acabar, volte... Volte, que lhe quero vêr essa cara, para me rir de si. Com que então romances só os de Eça de Queiroz?! Mas houve já outro romancista que se comparasse com Ponson?...

— Com...? — interpus irresistìvelmente.

— Com Ponson du Terrail, o genial Ponson!

Era uma *blague?* Mas Gomes Monteiro não *blagueia* nunca... E — ai de mim! — já êle voltava implacável:

— Que lhe parece disto?... Que lhe parece disto?

E os seus olhos estavam acêsos de cólera!

Continuou, porém:

— Ramalho Ortigão — sabe? — pretendeu desdenhá-lo, cobri-lo de ridículo, êle, o pobre Ramalho do *Mistério da Estrada de Sintra!*...

Fiquei varado... Já não era só Eça; era Ramalho, a idolatria da minha mocidade!

Peguei da pasta do Gomes Monteiro, mudei para a mesa do sombrío canto, por detrás do *guichet* da venda do café moído e chamei o iconoclasta.

E, ali, durante meia hora, chocaram-se — dois fanatismos!

No nosso entusiasmo, erguíamos a voz, perturbando o sossêgo da *Brasileira*, que é um dos mais plácidos e dôces retiros da Capital: — à nossa volta havia gente escandalizada, e uma menina loira, que chegára há pouco e parecia esperar alguém, olhava-nos como um pardalinho assustado... Levantámo-nos, entrámos na Havaneza, onde comprámos os nossos cigarros, cortámos à esquina, subimos lentamente a Rua da Trindade, descemos à Rua do Mundo. E calados, taciturnos, fômos trepando, trepando, trepando. Em S. Pedro de Alcântara, démos duas voltas inteiras no Passeio, debruçámo-nos um pouco sôbre a Avenida, e ficámo-nos absôrtos, a contemplar os longes do Monte e o môrro do Castelo, as tôrres da Sé e a amplidão do Tejo rebrilhante.

Depois penetrámos no fidalgo Bairro Alto, e parámos à porta da redacção do *Diário de Notícias*. E então, abruptamente, Gomes Monteiro ajuntou:

— Ainda se fôsse Camilo! Êsse sim, que é grande...

E foi o sinal de reconciliação; tôda a tarde falámos do autor do *Amor de Perdição*, da *Maria Moisés*, d'*A Queda dum Anjo*, da *Boémia do Espírito:* encontrávamos um culto comum, sentíamos já a fraternidade da mesma emoção, da mesma adoração... Tão certo é que os homens, mesmo inconscientemente, revestem de luz religiosa tudo o que amam!

Mas fiquei cheio de curiosidade: é que tal Ponson existia? Onde? Eu não o vira nunca...

Soube então que morrera em 1871, enquanto os prussianos talavam a sua sagrada terra de França, e eram rompidas a canhão as muralhas da capital do Mundo.

Na minha infância eu lêra de tudo; e nessa confusão de livros sôbre livros, que trás tanto encanto e desordem à nossa imaginação, algumas obras, parecidas às que Gomes Monteiro exaltava, me tinham deslumbrado. E interroguei-me: as *Mulheres de Bronze*, de Xavier de Montépin; *O Conde de Monte Cristo*, de Dumas; *O Judeu Errante*, de Eugénio Sue... E de nada mais me lembrava precisamente; o resto — cem, duzentos, tresentos volumes? — tudo parecia ter-se sumido na voragem do tempo... Mas, eis que um grande clarão passa na minha memória! Vejo um exército de Cruzados, todos cobertos de ferro, galopando para a Terra Santa; e aventuras de amor e estridores de batalha, e raptos e traições e clamores de vitória; e o romance, truncado, interrompe-se numa clareira de floresta, num outeiro onde se ergue um castelo — e no terraço, ao luar fulgente, uma donzela, uma virgem, desfere as cordas do alaúde e canta tristemente...

E ainda outro clarão ilumina terras de Espanha! Como se chama o romance, também não consigo recordar: mas trata-se de uma Raínha, dos amores de uma Raínha, e há um fidalgo apaixonado, por quem os deuses do Amor fazem milagres — e digo só os do Amor, porque o caso é de adultério... E sondo a memória que mal responde; só adivinho a tragédia: tenho ainda no corpo o arrepio da escalada dum altaneiro torreão sôbre um fôsso vertiginoso, mas não sei se é a Raínha ou a dama de honor quem contempla, ansiosa e trânsida, o seu amante, que vai espetando punhais nos interstícios das pedras, e subindo... Depois é um cavaleiro que corre à desfilada, sem cessar, três dias e três noites, e que deixo na estrada de Toledo, sempre correndo, ao alvorecer da manhã...

Ramalho Ortigão

Quem me dirá que romance é êste, que nunca li todo, por se terem extraviado os últimos tomos? Na esperança de que apareça alguém que me elucide, darei mais uma indicação: o feliz cavaleiro chama-se Lara — decerto é Lara — o Rei persegue-o, e parece que vai morrer...

Quem não encontrou, assim, na sua vida, um romancista de génio?

II

E eis que ontem o meu amigo entra na *Brasileira*, senta-se ao pé de mim, ajeita a pasta sôbre os joelhos, e tira um livro que põe na minha frente. Abro-o e leio:

PONSON DU TERRAIL

MEMÓRIAS DE UM GENDARME

Tradução e prefácio de Gomes Monteiro

Comecei logo a abrir as fôlhas: são tresentas páginas.

— Mas isto é do *Rocambole?* — pregunto.

— Qual *Rocambole?* Isto é um obra independente, das muitas que tem Ponson. O chamado *Rocambole* tem dezenas de volumes e onze partes: *A Herança Misteriosa, O Club dos Valetes de Copas, Proezas de Rocambole, Desforra de Baccarat, Os Cavaleiros do Luar, O Testamento do Grão de Sal, A Ultima Palavra de Rocambole, A Ressurreição de Rocambole, Misérias de Londres, Demolições de Paris, A Corda do Enforcado...*

E dizia tudo isto de cór, e continuou a enumerar livros e livros com títulos singularíssimos, numa precisão de catálogo...

— Pois que julga? êste grande homem começa a escrever aos vinte anos, morre aos quarenta e um, e deixa uma obra colossal de imaginação prodigiosa. Ponson é um génio! Dumas mal serviria para trôlha dêste arquitecto gigante. Hugo é grande, mas em imaginação o que é êle ao lado de Ponson?!... Hei-de traduzir o *Cartahut*, que é o novo *Rocambole*... quando você o lêr me dirá: nunca mais se lhe varre da memória...

Desci, agitado, a Rua do Alecrim; meti-me no combóio no Cais do Sodré, e até Parêde acabei de abrir as fôlhas.

E vinha meditando: como é que o Gomes Monteiro, o poeta d'*As Mulheres que amaram Jesus*, que se pode colocar ao lado das melhores estrofes líricas de Gomes Leal; o romancista d'*A Dama do Seio Mutilado* e d'*A Freira que Morreu de Amor*, em que há páginas tão modelares, e d'*A Inocência de Urbino de Freitas*, e de *Vieira de Castro e a sua Tragédia* que revelam um sentido dramático tão profundo, escritor de tantos méritos, jornalista de tão assinalado valor, se põe a traduzir Ponson du Terrail?

E um resto de céptico desdém pelo génio descoberto pelo Gomes Monteiro me toldava o espírito de incompreensão.

Jantei, e sentei-me à mesa, lançando sôbre as pernas o cobertor de papa das vigílias invernais, e pus-me a lêr. O prefácio do tradutor é duma grande nitidez: logo na primeira página encontro Ramalho Ortigão, bastante menos maltratado — ainda bem... E Ponson du Terrail — que enche um mundo, como diz Gomes Monteiro — não perde nada com isso.

Primeira parte — É na Solonha, no começo da Restauração. Martim Enguia é

Quando Ponson du Terrail era poeta

Il vous me voyez, mon cher, en proie à une extrême
envie d'aller pénétrer l'ennui que je ressens
du mal que je vous fais, n'aimez que vous même,
ingrat! voici bientôt trois mois que je vous aime,
et je voudrais....
— quoi donc?
— changer un peu d'encre....
Vte Ponson Du Terrail

Gomes Monteiro

um velho caçador furtivo que vive, com sua mulher e quatro filhos, todos dos catorze anos aos dezasseis, numa choupana de barro amassado com palha e fêno, coberta com ramos de pinheiro, em pleno bosque, à beira da Lagoa dos Javalis.

Tem uma filha, a Mariazinha, em casa de um lavrador distante. A mãe, apesar de cega, trata do arranjo doméstico; pai e filhos vivem à margem da lei, caçando e pescando, sempre no terror da justiça, mas todos possessos do demónio estonteante da aventura, jogando com o acaso, a prisão e a morte — excepto um dos mais novos, Nicolau, que se une com a velha, sempre aflita, e deseja empregar-se no sossegado amanho das terras.

Imediatamente se franze a tela do drama: é noite; saem todos, e dispersam-se pela floresta, agenciando a má vida. Martim obriga Nicolau a acompanhá-lo, para o fazer destemido, acusando-o de madraço e cobarde. Descobre o rasto de um veado; cercam-no, e é abatido a tiro. Mas surge um gendarme, que grita:

— Rende-te!

O caçador, desvairado, responde:

— Aí tens como eu me rendo!

E o gendarme cai, como caíra o veado.

Martim, em luta com o terror e a cólera, para despistar, apaga as pègadas, atira-se a nado, e volta a casa.

Encontra a filha, único ente que verdadeiramente estremece, a qual vem passar o Natal com a família, como de costume. Os filhos vão entrando; mas Nicolau tarda, e só de madrugada aparece. Posto o pai em fuga, socorrera o gendarme, que ía perecer na neve, e passara a noite com êle. A essa hora, arrastando-se, já deve estar no quartel, deitado na sua cama — se para a vida ou para a morte, sabe-o Deus.

Martim interroga a criança, que conta como as coisas se passaram — como o ferido tinha perdido sangue, como deitara neve no buraco aberto pela bala, como o levara à cabana abandonada dos lenhadores, como o acompanhara à orla do bosque, e, finalmente, como o ferido, reconhecido, prometera guardar segrêdo, fingir-se doente por outra causa, e salvar a família de quem o salvou.

O pai pegou na sua arma, abriu uma

Momento supremo

arca, tirou uma garrafa de aguardente, bebeu a longos tragos, como se quisesse criar coragem. E disse ao filho: — Caminha!

E levou-o à Rocha de Satanaz, no alto da qual havia um sorvedoiro com dez pés de abertura e uma profundidade nunca sondada.

— Mas onde vamos nós, pai?

— Vamos fazer uma rica espera...

— Mas de dia não se espera a caça...

— É que no que tu te enganas!

Amarrou-lhe os pés e as mãos: ia deitá-lo no abismo, mas reflectiu que o melhor seria matá-lo primeiro. O pequeno conseguiu pôr-se de joelhos:

— Adeus, minha mãe! — murmurou, como quem reza.

O pai meteu a arma à cara, e pôs o dedo no gatilho...

— Adeus, irmãzinha!

Ao ouvir esta invocação, Martim sentiu um tal abalo que a espingarda lhe caíu no chão.

Nicolau estava salvo!

Mas Martim expulsava-o:

— Vai-te para sempre! Renego-te!

E então a criança fica só, a contas com Deus... Um vizinho lavrador recolhe-o, e a sua protecção ampara-o até lhe encontrar colocação longe, onde os irmãos que o odeiam não possam continuar a obra que o pai, milagrosamente, suspendera.

Ora êste Nicolau será o gendarme do romance, de quem se contam as *Memórias*.

Eu não vou contar as *Memórias de um gendarme*. Não seria fácil, e se o conseguisse, o editor encontraria isso um rèclamo desastrado — como de quem quisesse, obsequiosamente, podar uma vinha a um compadre amigo, e lhe cortasse as varas tôdas. Ousando um pouco o *calembour:* ir-se-lhe-ia de todo a *novidade*...

Mas, sem prejuízo de maior para a ávida curiosidade dos muitos milhares de leitores que vão precipitar-se sôbre as *Memórias de um gendarme*, e que não querem que lhe desvendem o entrecho, servindo-lho como um fruto sorvado — poderei referir que, através destas tresentas páginas, passam algumas figuras inolvidáveis em cenas tão variadas e sugestivas que, sôbre elas, se não cansa nunca a nossa fantasia, junta sempre alvoroçadamente à de Terrail.

Aqueles sinistros filhos de Martim, correndo pelo caminho do crime ao hospital ou ao cadafalso, o generoso gendarme Legrain, o bom lavrador João Ferrenho, que enriquece semeando pinhais na lande, antes bravia e estéril, a Mariazinha, que leva a felicidade a um lar de abundância onde se não sentia o carinho, e lá, ao longe, na Argélia, o bom soldado Nicolau, que na tomada de Constantina se bate como um leão, e salva do empalamento Ali-Babum, mais as inocentes filhas e os seus tesoiros... E a terrível luta com os hadjutas no caminho de Blidah! Abre-se a vastidão do deserto... Nicolau, prisioneiro, levado perante um velho chefe moiro, convidado a traír, e preferindo mil vezes a morte, vai ser executado, quando se lhe descobre no pescoço o meio sequim que lhe dera Ali-Babum. Os tormentosos dias de espera... Já amarrado de pés e mãos para o transe final, como à beira da Cova de Satanaz, vem-no libertar Aischa, filha de Ali-Babum, que o desliga, e lhe dá roupas árabes, e as melhores armas e o melhor cavalo (aqui, entre nós, Aischa é casada com o horroroso chefe moiro, que poderia ser seu avô) e lhe passa um anel no dedo, e prende, ela própria, ao arção da sela uma saca de tâmaras e um pequeno ôdre de água... E à luz do luar, infringindo o Corão (penso que era o Corão) ela afasta, compassiva, o *haick* branco, mostrando-lhe o seu belo rosto! Meu Deus!

O alazão galopou, galopou no infindo areal, até à hora em que o sol se tornou ardente. Então Nicolau apeia-se, come um punhado de tâmaras, bebe algumas goladas, e dorme como um verdadeiro árabe, com a face no chão...

Assim viaja cinco dias, até chegar a Constantina!

E a visão da moira encantada não se apagará nunca mais dos seus olhos, nem do seu coração...

Não, mas eu não vou contar o romance, ainda que tenha muita vontade disso; e quero esquecer mesmo o pobre Rouxinol, o mais valente dos *hussards*, mas o mais tremendo bebedor de absinto, soldado que Nicolau ama tanto que, ao assistir ao seu arcabuzamento, adoece perigosamente. Já agora eu devia dizer porque arcabuzaram o Rouxinol saudoso — mas o dito, dito.

Depois é a *Segunda Parte.*

Abre assim o primeiro capítulo:

"Há vinte anos, o viajante que adormecesse à noite, ao sair de Auxerre, na estrada que vai de Paris a Lyon...»

Já eu queria transcrever o livro...

Mas êste capítulo é uma maravilha!

Aquele João Coelho, que acaba de assassinar o cocheiro condutor do correio, para roubar da mala não sei quantos milhares de francos, não encontrando, afinal, senão papelada, e que, à beira do bosque, caminha com tanta precaução, buscando os sítios em que a terra, protegida pela folhagem das árvores, não está coberta de neve, e se apercebe, à débil claridade dum crepúsculo de Dezembro, das pègadas de um homem mal calçado — pois uma das solas deixara passar um dedo do pé esquerdo — traz ao leitor um arrepio de terror e de piedade, que grava poderosamente a impressão patética dum quadro de mestre.

E o seu encontro, entre os rochedos do vale, com êsse evadido do presídio de Rochefort, que há muito não come, e a súbita fraternidade do crime (eu não deveria dizer fraternidade...) que os liga, e como se contam naquela solidão augusta da floresta, as suas tenebrosas vidas!

Depois, o serão hediondo na *Casa da Fome*, e a história do assassínio do boieiro, que, voltando da feira de Nivernais, onde fôra vender uma manada de gado, e, acossado pela fome e pelo frio, viera bater àquela porta infernal...

E, logo, o assalto ao veiho proprietário da Combette na noite de Natal, enquanto todos os serviçais estão para a missa do galo, e o cadaver do sr. Jalouzet, com a cabeça esmigalhada a machadadas...

Eis que os gendarmes chegam!

Não; eu não vou contar-lhes o romance, e aqui é que o interêsse da narrativa é maior, porque um dos gendarmes é o nosso bravo Nicolau, e a acção não vai ainda em meio...

Quando acabei a leitura eram duas horas da manhã.

Preguntar-me-ão:

— É então um génio êsse Ponson?

Não sei dizer-lho, não se sabe nunca... O que posso afirmar é que durante seis horas seguidas não ergui mais os olhos dessas páginas, e que, por vezes, se me orvalharam de lágrimas.

E fui-me deitar, e dormi serenamente até às dez. Porque o meu coração estava tranqüilo: — os bons tinham vencido, e Nicolau, heroi na guerra e na paz, era feliz no seu lar, com uma doce mulher à sua beira.

E os maus? Podem fazer-nos pena os maus...

A piedade entra-nos no coração, muitas vezes, sem que possamos fazer o balanço do bem e do mal, com um rigor matemático. Os Códigos não bastam para uma descriminação permanente nas nossas relações e até nas nossas simpatias, que nos guarde sempre do contacto, senão da solidariedade com o crime. Amolece a nossa resistência contra êle, ora a indiferença céptica, ora a onda da misericórdia religiosa.

Ah! mas quando a luta decididamente se estabelece entre os bons e os maus, a gente tem de tomar um partido (não sei se deveria dizer partido...) E o certo é que, tendo tomado o partido dos bons, ficamos ao lado de Nicolau, e não podemos lamentar a sorte dos senhores assassinos.

Eu creio que êste livro, de tão firme moral, e tão bem traduzido, acabará por ser adoptado como prémio nas instituïções escolares, policiais e filantrópicas: é tão raro encontrar dêstes gendarmes! Nicolau é um Javert, mais humano que o dos *Miseráveis*.

LOPES D'OLIVEIRA.

UM RETRATO

QUE DEFINE UMA ÉPOCA

A condessa de Amaury de Piolant

APARECEU ha dias em Lisboa um retrato da condessa Amaury de Piolant, atribuido ao pincel do pintor Charles Beaubrun que teve a sorte de viver no faustoso reinado de Luiz XIV. Esse retrato encontra-se na galeria do antiquário artista sr. Calabresi, e vinca eloqüentemente uma época famosa — a do *Rei Sol*.

O que nos parece, no entanto, é que êsse magnífico retrato recheado de convencionalismos tão apreciados no século XVIII, não tem apenas um autor, mas dois. Pintaram-no Charles Beaubrun — não o duvidamos — mas com a colaboração de seu primo Henri que nunca o abandonou.

Entrando em pormenores, podemos dizer que Charles Beaubrun nasceu em Amboise no ano de 1604, isto é, um ano depois de seu primo Henri. Cresceram e brincaram juntos, patenteando, desde logo, as mesmas tendências artísticas.

Tendo por mestre o seu tio Louis Beaubrun, começaram a evidenciar-se como pintores retratistas. Mas a sua fama havia de surgir mais tarde quando lhes começavam a enbranquecer os cabelos sob a cobertura discreta das cabeleiras postiças.

Estava-se em meados do século XVII. Tanto a Côrte como a cidade andavam empenhadas em criticar-se, quer fazendo versos, quer escrevendo cartas. E, nessa altura, cada um parecia ter as mais belas qualidades de espírito e de corpo, ao descrever o seu visinho em termos câusticos ou amáveis.

Foi dêste meio que os dois Beaubruns souberam tirar partido.

O abade de Fontenai, referindo-se a êstes artistas, diz: "Todas as damas queriam ter o seu retrato pintado por êstes pintores que tinham a arte de atraír e de fazer realçar a beleza pelas suas atitudes, tirando efeitos dos seus vestidos, dos seus penteados e outros ornamentos que davam graça e majestade ao retrato".

E acrescentava:

"O seu atelier tornara-se o ponto de reünião das mulheres mais belas e espirituosas da Côrte..."

Discípulos de Louis Beaubrun, trabalhavam sempre juntos no mesmo quadro. Colaborando assim tão estreitamente, êstes dois pintores não podem ser estudados separadamente, visto confundirem-se ao serviço de uma obra comum.

Tem sido mal explicada até hoje a voga que os retratos pintados pelos Beaubrun obtiveram, e que, no fim de contas, se resumiu no tributo pago por uma sociedade cansada do realismo flamengo e desejosa de aceder a uma imagem aborrecida da existência.

Como habeis cortezãos, os Beaubrun tornaram-se indispensáveis a uma tão frívola sociedade. Escreviam versos e comédias que chegavam a desempenhar com certa graça diante de um auditório tão selecto como entusiástico.

Para as grandes festas públicas eram sempre os escolhidos.

Quando da entrada da raínha em Paris, em 1660, foi-lhes confiada a construção de um arco de triunfo ao fim da ponte da Notre Dame. Eram apreciadíssimos desenhadores de modêlos de trajos, e nada recusavam os caprichos e aos desejos de uma tão frívola clientela.

Um dos primeiros cuidados da raínha de Inglaterra, ao conduzir sua filha junto do duque de Orléans, foi recorrer ao talento dos Beaubrun. Por aqui se avalia a fama de que os dois pintores gozavam.

No museu de Versalhes podem admirar-se ainda os retratos de Ana de Austria, do Delfim da França e da orgulhosa Maria Tereza que também quis ser retratada pelos pintores da moda. A famosa M.me de Longueville, heroína da Fronda, desejou também satisfazer êsse capricho, figurando hoje o seu retrato no Museu Condé, de Chantilly.

Mal pensaram os dois Beaubrun que quando retrataram aquêle príncipe recem-nascido — o futuro Luiz XIV — tanto haviam de beneficiar à sua custa.

Muitos outros artistas tão talentosos como êles ficaram na obscuridade, contradizendo assim o epíteto de *Rei-Sol*, dado a Luiz XIV, visto que, segundo o velho e conhecido rifão, "o sol quando nasce é para todos".

Outro pintor mereceu especial protecção nessa Côrte tão opulenta como pretensiosa. Foi Charles Le Brun. Tal prestígio alcançou, que fundou a Academia de Pintura e Escultura, a fim de livrar os artistas da Inspecção das Corporações e Ofícios. Para esta Academia entraram logo os dois Beaubrun e ali exerceram, em comum, as funções de tesoureiro. Até nisto os dois primos não dispensaram a mútua colaboração.

Em boa verdade não é fácil encontrar uma colaboração tão unida e tão homogénea. Pode citar-se o exemplo dos escritores Erckmann e Chatrian que escreviam as obras sem que que fôsse possível descobrir que capítulos escrevera um ou outro. Um dia, êstes dois grandes amigos zangaram-se, seguindo um para cada seu lado. Conta-se até que, nesta altura, um dêles, o Erckmann, levara ao editor certo conto que escrevera em duas semanas e que desejava editar, acto contínuo, para apurar algum dinheiro. Com grande espanto seu, o editor recusou-se a aceitar o manuscrito, visto que nesse mesmo dia, o Chatrian já lá tinha estado com um conto perfeitamente idêntico até no título, e com as mesmas pretensões.

Mas como poderia ser isso?

Quando se reconciliaram, verificaram que haviam tido a mesma ideia que, realizada, obedecera à mesma forma. Como se calcula, o conto foi publicado, mas com as assinaturas de Erckmann e Chatrian.

Com os Beaubrun nem a desavença se deu. Viveram sempre na melhor harmonia e trabalhando sempre com o mesmo afã e a mesma maneira de execução.

Dados a iniciativas rendosas, organizavam festas e bailes a que a grande nobreza acorria, escreviam versos adulando os grandes senhores e senhoras do seu tempo, gisavam comédias que representavam como se fôssem cómicos de profissão, levavam a efeito tudo o que lhes pudesse trazer lucro e popularidade.

Henri Beaubrun morreu em 1677 com 74 anos de idade, deixando inconsolável o seu primo Charles e companheiro de tôda a vida. Esta dor, tirando-lhe o gôsto pelo trabalho, não lhe abreviou os dias da existência pois ainda resistiu quinze anos que constituiram outros tantos séculos de saüdade.

O pobre Charles Beaubrun veio a falecer em Paris com 88 anos de idade.

A HISTÓRIA DUMA PAIXÃO...

Os desenganos, a vida vivida à beira dum homem que a não compreendia e que a esgotara no amor e na sensualidade, o seu feitio megalómano, as suas ideias bizarras, fizeram dela uma pobre vencida para quanto lhe viesse a ser ainda prazer, gôzo e satisfação. Pode dizer-se que renunciara a tudo para sofrer junto dos filhos que tinha e valorizar uns réditos de encanto que conservava, a-pesar-dos seus quarenta anos.

Um dia, esta mulher, dispôs-se a enfrentar a vida com a coragem que lhe vinha de quanto lhe faltava para fazer o que sempre fez e manter aquela linha indispensável a "uma senhora bem».

O nome que usava permitia-lhe uma certeza de êxito neste empreendimento e estava convencida da vitória de quanto desejava e de ficar colocada, duma hora para a outra, em qualquer emprêgo que resolvesse as suas aspirações. Por isto calcurriou a cidade de lés-a-lés. E pediu, e solicitou, e disse quem era, alegou dos seus direitos, bateu-os como moeda de real valor, pondo em tudo isto uma marcada isenção, um grande aprumo, de forma a não encantar quem tinha de lhe ouvir as queixas e sofrer-lhe as imposições. Esgotou tudo num esfôrço superior às suas fôrças. Não havia maneira. O que ela queria era sempre impossível de realizar, por isto e por aquilo...

Tentou a última diligência. Seria a decisiva. Procurou um rapaz que fôra discípulo do pai e adiante dêle desdobrou o sudário das suas amarguras de mulher, carregando as côres da sua desdita, do seu abandono, da tortura em que a lançara aquele homem com quem bebeu até à última gota a taça da ventura e que, cansado das suas exigências, resolveu fundir os afectos da sua vida e deixá-la com os dois filhos! Percebia-se que êste incidente não a preocupava muito. Um fundo despeito arranhava-lhe a alma, tão só porque êle a trocara por uma linda mulher e a puzera de parte quando a sua beleza dobrava o Cabo das Tormentas...

Carlos, assim se chamava o marido de Deolinda, vira-se diante dêste casamento no jeito inopinado de alguém que assiste à explosão de uma bomba e consegue ficar ileso. Nova, Deolinda, envolvera-o na teia duma sedução estudada e premeditada e assim êle teve de aceitar a situação, "quand même...». E casaram. E logo saíram de Portugal.

O que foi a vida destas duas almas lá longe, não interessa muito. Sabe-se que viveram e até se sabe que Carlos era louco pela mulher...

O tal rapaz que ela procurou, Maurício Boaventura, ouviu-a e enterneceu-se com a amargua que extravasava daquele coração de mulher, amarfanhada pela crueldade do destino, e que ali estava vítima duma fatalidade que tanta gente toca.

Deolinda encantara-o. Não tanto pelos seus dotes físicos, mas muito pela pretensa transparência da sua alma. Não viu o artifício. Empolgou-o a tragédia. Olhou-a com os olhos da alma e pôs de parte os restos de beleza que davam ainda uns tons de formosura a essa mulher que entrara, sem se aperceber, no outono da vida. Era engraçada, alegre, viva e desenvolta. Boas falas, um certo brilho na conversa, argumentando com lógica, uns laivos de modernismo, um à vontade decidido, senhora de si, finura de atitudes... uma bela camarada, como agora se diz.

Maurício deixou-se levar por um natural movimento de coração e segredou-lhe uma palavra que a transfigurou.

— Eu vou ver isso... O seu caso impressionou-me. Vou pôr nele a minha influência, que é pouca, aliás...

— Muito obrigada... Não se esqueça de mim! — balbuciou Deolinda.

— De maneira nenhuma...

Assim terminou o primeiro contacto entre Maurício e Deolinda. A êle isto pareceu-lhe a coisa mais vulgar dêste mundo e não podia ter conseqüências nenhumas, tanto mais que estava disposto a fazer a vontade à senhora que se lhe apresentara para lhe pedir um emprêgo. Ela não deveria querer mais nada...

Passaram-se dias. Coisa alguma havia que interessasse Deolinda. Mas..., uma tarde apareceu sôbre a secretária de Maurício uma carta. Letra firme e volumosa. Essa carta, que era dela, trazia uma queixa e preguntava se acaso a tinha esquecido...

A princípio Maurício não compreendeu, mas depois de queimar meio cigarro fez-se luz na sua inteligência e surgiu em tôda a realidade o caso. Havia uma intenção de amor naquelas vinte linhas escritas com firmeza e na convicção dum sentimento que andava noutra alma, cuja palpitação êle tinha ali expressa na fôlha de papel que estava diante dos seus olhos.

Nada fizera para isto. Sentia o coração quieto, naquela quietude que o cepticismo semeara na sua vida e que a renúncia a tudo tornara sistema.

— Amar? Como posso eu amar alguém? Para que trilhos de dúvida e de incerteza me quere levar esta mulher? Que percebeu ela em mim que a faça sentir o que eu não sinto?

Homem, muito homem, e não lhe desagradando — aqui para nós — uma aventura, respondeu à carta convidando Deolinda a procurá-lo.

Às cinco horas do outro dia lá estava ela. Tarde quente de Agosto. Sol de oiro. A vida tinha a simpática e envolvente jucundidade da fartura e do bem estar. O calor picava os sentidos como vêspas em fruto sorvado.

E então já não era o emprêgo que os juntava ali. Era o amor! Da banda dela uma chama alta que lhe incendiava o olhar. Havia um mundo de desejos a confranger-lhe os sentidos. Da banda dêle uma expressão flácida dêste sentimento. Uma serenidade mascarando uma experiência feita de tudo onde o coração entra e sofre. Transigia com o ambiente diante da vontade que Deolinda tinha de lhe instilar no peito um pouco do amor que sentia por êle.

Quando saíram íam já de braço dado, a segredar palavras ternas. Ela cheia de vitória. Êle levado pela corrente do seu sorriso e por uma sedução que a inteligência repele, mas que a vaidade aceita. E, diga-se, êle não sentia nada. Tudo quanto lhe segredou eram aquelas coisas que um homem delicado diz a uma mulher, mesmo que ela não seja galante. Para Deolinda teve a preocupação de não lhe desagradar.

Separaram-se ao fundo da Avenida. Sôbre Maurício caiu como que uma pirâmide de granito. Como havia êle de saír são e salvo dêste cataclismo? Iria transigir? Deixar-se-ia envolver nos liâmes do amor que Deolinda lhe oferecia?

Foi a debater-se nestas duvidas que passou um dia inteiro sem atinar com a maneira de resolver êste caso — único na sua vida.

Deolinda redobrava a intensidade da ofensiva e Mauricio decidiu-se a uma experiência. Relegou o cepticismo que o esmagava e o fazia descrer de tudo e foi um galanteador de velho estilo, como já não há. Ela adorava flores, pois teve flores, adorava joias, teve joias, enlouquecia com perfumes, teve perfumes, gostava de ler bons livros, leu êsses livros... Frequentou os espectáculos chiques, ouviu os melhores cantores e os melhores musicos, foi aos grandes cinemas para ver as vedetas da moda... escreveu cartas no melhor papel, fechou-as com lacre perfumado...

Apeteceu mais coisas...

Teve o delírio das peles caras... não as logrou porque Mauricio resolveu acordar dêsse sonambulismo em que se embrenhára para poder ver melhor e de mais perto a complicada psicologia desta mulher.

Sôbre tôdas estas coisas ela punha uma loucura de exibição. Gostava imenso de andar pelo braço dêste rapaz e sentia-se o prazer que enchia de alegria o seu olhar.

Um dia confidenciou-lhe que o queria beijar. Dar-lhe um grande beijo. Coisa natural. Só deseja quem muito quere Era o caso da Deo, chamemos-lhe agora assim. Mauricio achou bem esta vontade e ia para lha fazer, mas ela pôs-lhe a mão na boca e disse-lhe:

— Aqui não! Em Sintra... É mais lindo!

Uma fantasia...

E foram a Sintra num fim de tarde dum dia criador. E trocaram o tal beijo. E Deo fez as suas confidências. Pôs uma grande solenidade nas suas palavras. Revelou desejos duma vida futura cheia de conforto e disse até... disse: — Logo que possas bom seria que começasses a dar-me uma certa quantia por mês, para eu ir fazendo "as nossas coisas» de casa, pois quero — acrescentou — que tudo saia das minhas mãos, para que vejas o que sabe a tua pequenita...

.....

E voltaram para Lisboa.

Deo apertava o cêrco. Inventava os maiores disparates para chumbar à sua vida o homem que por delicadeza, e só por isso, tinha acedido aos seus pedidos e realizado alguns dos seus desejos.

Foi desafiado insistentemente para um passeio ao Estoril seguido de almoço no "Tamariz». Resistiu heroicamente e não foi! Outros desafios vieram e não os atendeu. As cartas sucediam-se. Numa delas Deo revelava-lhe que tinha alcançado, finalmente, a decisão dos tribunais quanto ao seu divorcio. Estava livre.

Este incidente — a sentença do divorcio, não se sabe quem ficou condenado — interessou vivamente Deo, mas não conseguiu convencer Mauricio.

E ela dizia, num pudor de conformidade, que nunca se teria divorciado se não fôsse o grande desejo que tinha de casar com êle. Fôra Maurício que a levara a apressar a decisão dos juizes que julgaram a causa.

A explicação é outra... A seu tempo se verá...

Mauricio indiferente a tudo ía tratando da sua vida, embora o que Deo fazia, escrevia e dizia o perturbasse. Um dia dispôs-se a acabar com êste estado de coisas. Um ponto final nas suas cartas, deixou de telefonar, deixou de aparecer. Não mais houve flores, nem livros, nem teatros, nem nada que o prendesse. Mas... mesmo assim Deo insistia, chorava, escrevia e telefonava e aparecia para se queixar, para se lamentar, para o chamar à responsabilidade de coisas de que não se sentia culpado.

A sedução de Deo era onda alterosa a desfazer-se em espuma contra a indiferença de Maurício. Nada o comovia, nada!

Tudo o que se passava era estranho. Não havia razão aparente para as atitudes desta mulher, que assumiram por vezes aspectos de loucura. Mauricio não era pessoa que quisesse saber dos motivos que determinavam esta pretensa paixão, nem se achava com qualidades que pudessem prender tanto uma mulher. Queria ser indiferente a tudo, mas preocupava-se. Era impossível e muito difícil deduzir para concluir. Um enigma cruciante para êle devia ser a chave de tudo isto. Mas que era? Impossível de atingir.

E as cartas sucediam-se. Abria tôdas e punha-lhes a tinta vermelha: "Não li». E não as lia. Era mais cómodo. Mesmo assim não escondia a sua preocupação.

— O que havia? — interrogava-se.

E o cêrco continuava a apertar-se mais!

Da parte de Deo iniciaram-se umas quantas transigências muito femininas que não o impressionaram.

— Beija-me! — pedia-lhe ela em atitudes de gata ciosa.

E Maurício beijava-a sem interêsse. Mais para satisfazer uma vontade de Deo, pois não conseguia sentir nada nêsses beijos.

— Não olhas para mim? ciciava ela com lágrimas na voz.

E ele olhava-a friamente.

E ela insistia e êle desviava-se.

Era um jôgo às escondidas, onde os sentimentos se alheavam de tudo para não serem vencidos nesta luta!

— Que mais hei-de eu dizer a esta mulher para que ela se convença de que não a quero? — interrogava-se.

Até que tudo se esclareceu. O divórcio de Deo não lhe garantia nada, nem a tutela dos filhos. Os juízes não a acharam capaz de ser tutora das crianças. A situação material era penosa em tudo. Um emprêgo — mesmo que fôsse modesto — condicionaria a sua vida, mas não a resolvia.

Este divórcio só decretado com a certeza dum casamento à vista era um torniquete em que Deo quis meter Maurício para o obrigar a uma decisão...

— Se não fôsses tu nunca me divorciaria... Ficaria para sempre presa aos meus filhos, sem outro amor... — dizia Deo.

Tinha mêdo dos emprêgos. Temia o contacto com pessoas estranhas. Receiava que algum homem se apaixonasse por ela. O emprêgo era uma coisa horrível. Ao passo que o casamento era a solução da sua vida. Aos quarenta anos vislumbrou a ventura de ser feliz junto de quem amava. E... depois afirmava desta forma que ainda havia quem a quisesse... Quem lhe désse o nome...

Ilusões! Tudo ilusões!

Maurício Boaventura, encheu-se um dia de coragem e contou-lhe a sua vida. De tudo que lhe disse parecia-lhe dever saír o fim desta aventura branca. Mas não! Deo respondeu-lhe que esperaria por êle até à morte!

.....

Maurício é hoje um simpático velhinho a quem os netos alindam enternecedoramente a vida.

A Deo — a pobre Deo — já casou três vezes e também envelheceu! Como a vida lhe tem sido longa preferiu não esperar pela felicidade que apeteceu aos quarenta anos.

.....

A mulher continua a ser esta coisa hediondamente encantadora. Pena é que o Amor ponha nelas ansiedades que a vida transforma em interêsses.

MÁRIO BARROS.

A FASCINAÇÃO DOS LICORES

DO BENEDICTE À GINJINHA

É interessante a história dos licôres; a história de algumas dessas deliciosas bebidas vai até ao tempo dos alquimistas da idade média, que procuravam a pedra filosofal com que esperavam obter saúde, prolongamento da vida e a transmutação dos metais vis pelos metais nobres, oiro e prata e além destas buscas dedicavam-se igualmente á fabricação de elixires, que estimulavam o amor, a vida, a mocidade. Dos seus esforços por encontrar o ouro e a prata resultou a descoberta de muitos metais, que hoje se estudam nas ciências químicas; dos elixires resultou aquele saboroso cálice de licôr, após a refeição, que não dispensa o epicurista, que vive à larga e que da vida quer obter o máximo gozo. Também em alguns antigos mosteiros encontram os licôres a sua origem, que os bons monges destilavam das suas ervinhas, com cuidados, para servirem de alívio aos fracos e aos doentes. A maior parte dos elixires têm por base o alcool ao qual se juntam vários frutos ou extratos de plantas e flores. Alguns licôres são produzidos por destilação; outros ha, porém, que se fabricam por meio de infusão, que consiste em mergulhar os ingredientes necessários em um banho de alcool até que êste tenha absorvido tôdo o sabor e perfume daqueles e adoça-se conforme o paladar exige. Junta-se-lhe depois, para lhe dar côr e aspecto agradável, qualquer substância inofensiva, como açúcar queimado, etc.

Há licôres que gozam de fama universal, entre os quais os mais notáveis são o *Benedictine* e o *Chartreuse*. A fórmula do Benedictine, conservada secreta com o maior rigor, foi confeccionada no ano de 1510 pelo monge D. Bernardo Vincelli, que pertencia á Abadia Beneditina de Fécamp, na Normandia. Durante a Revolução Francesa a Abadia foi confiscada e os monges foram obrigados a expatriar-se. Em 1863 recomeçou a fabricação do licôr por iniciativa de um descendente dos antigos monges, que tinha herdado dos antepassados a famosa receita. A destilaria actual foi mandada construir pelo proprietário da receita no mesmo local em que existira o antigo mosteiro, conservando-se o antigo estilo da Abadia. O licôr Benedictine, que se fabrica presentemente, tem por base a água-ardente de Cognac, em avançada idade, á qual se adiciona grande quantidade de plantas e ervas cultivadas, na sua maioria, nos terrenos que circundam a destilaria e outras vindas de perto e de longe.

Caracterisa o Chartreuse o facto especial e único de ser ainda hoje manipulado por monges. No ano de 1804, São Bruno fundou o célebre mosteiro da ordem dos frades Cartuxos, sôbre um ridente outeiro, por entre as lindas paisagens da província francesa do *Dauphiné*. A uns 10 quilómetros de distância do mosteiro encontra-se a destilaria, onde os monges manipulam o seu delicioso produto, desde 1860. A receita original foi comunicada aos monges em 1605 pelo marechal d'Estrées e aperfeiçoada por Frei Jerôme Maubec. O elixir Chartreuse, que assim se intitulava na sua origem, era manipulado pelos monges como medicina para aliviar os padecimentos da população, que circundava o mosteiro. Por duas vezes fôram os monges expulsos de França; a primeira vez durante a Revolução Francesa e a segunda em 1903. Em 1815 tinham regressado a França depois da primeira expulsão: O mosteiro estava em ruinas, assim como as finanças dos monges, que tomaram então a decisão de explorarem a sua indústria comercialmente. As primeiras garrafas confeccionadas para a venda fôram carregadas sôbre a mula do convento e levadas para a próxima cidade de Grenoble pelo monge Frei Carlos.

Em 1848 o convento foi invadido por alguns oficiais, que acharam o licôr tão saboroso que prometeram fazer a seu respeito grande propaganda. Gradualmente a fama do famoso elixir foi-se alargando não só por tôda a França, mas também por todo o mundo. Quando em 1903 fôram expulsos pela segunda vez atravessaram os monges a fronteira espanhola e estabeleceram-se em Espanha; em 1931 fôram autorizados a regressar a França e neste país continuaram a fabricar o seu licôr até ao presente.

Não abandonaram, contudo, a sua fábrica de Espanha e continuaram a explorar a sua indústria em ambos os países; o elixir fabricado tanto num país como no outro é perfeitamente o mesmo; apenas no rótulo das garrafas se nota uma pequena diferença. Há outros licôres do tipo Chartreuse e Benedictine, mas nenhum os iguala em perfume e sabor.

O *Curação*, outro licôr de fama, deve o seu nome a uma pequena laranja cultivada na ilha holandeza de Curação, nos mares da América do Sul.

Há quatro espécies de Curação: côr de laranja, branco, verde e azul e tem uma graduação que vai desde muito dôce e fraco até ao muito sêco e muito forte.

Crême de Menthe, é o nome de um outro licôr, que disfruta de grande popularidade. Há verde, branco e encarnado, que é pouco conhecido. Na sua composição figura a hortelã e fabrica-se na França, na Holanda e na América.

Os ingleses também fabricam um licôr que se assemelha muito a esta Crême a que dão o nome de *Peppermint* ou seja hortelã-pimenta; é menos dôce do que a Crême e os ingleses fazem uso dele geralmente misturado com genebra em quantidades iguais.

A Alemanha, a Polónia e os países bálticos produzem o afamado *Kummel*, invariavelmente branco, muito dôce e de variadas graduações alcoólicas. É compôsto de anis e alcool de cereais.

O anis entra na composição de vários licôres: em França figura no *Anisette*, em Espanha no *Ojen*, nome de uma pequena cidade perto de Málaga e os grêgos têm o seu *Onzo* que muito apreciam.

O *Absinto* é um dos licôres mais excitantes que se conhece e o seu fabrico não é permitido em muitos países da Europa. Há outros cordeais de fino perfume e sabor, não tão conhecidos como aqueles a que já aludimos.

Na Holanda há a bebida nacional que se chama *Advokaat*, composta de cognac antigo, açúcar e ovos, que se consome logo após a sua confecção, com ou sem leite quente. É uma bebida muito nutritiva e fortificante.

Entre os muitos cordeais com base de cerejas, a Inglaterra tem o seu *Cherry Brandy* ou *Cherry Liqueur*; a Dinamarca produz o *Kirsebaer*, a Itália o célebre *Maraschino* de côr branca, com um travo especial que só se obtem de certas cerejas pretas, que crescem unicamente na Dalmácia, cultivadas por forma especial. O *Kirsch* é na realidade uma água-ardente, destilada das cerejas juntamente com os seus caroços triturados. É uma bebida que muitos consideram deliciosa tomada só ou misturada com café.

Há ainda várias bebidas análogas extraídas das ameixas, muito aprazíveis e muito caras como são o *Quetsch*, a *Mirabelle* e o *Slivovitz*, respectivamente de nacionalidade inglesa, francesa e russa.

Há ainda a água-ardente extraída de framboesas, que possue um perfume e sabor delicado e agradável, com a forma dos licôres. Pelo mundo fora há uma infinita variedade de licôres, cuja fama não se estende para além das fronteiras dos seus respectivos países.

Há licôres propriamente caseiros que as boas donas de casa manipulam com cuidado, muito saborosos, quando em família, nos serões do inverno, se apreciam e reconfortam. Alguns são mais apreciados que muitos afamados licôres. A boa dona de casa lisboeta prepara e apresenta com orgulho as suas ginjas em água-ardente de um lindo aspecto e paladar.

Em Lisboa, mais especialmente do que em outra qualquer cidade do país, fabrica-se êsse licôr em grande escala; o povo chama-lhe *ginjinha*, e aprecia-o altamente.

Era bem conhecida a loja que, por ter licor de *ginja* à venda, se rodeava duma aparatosa tradição. Andavam até de bôca em bôca uns versos bizarros que lhe figuravam na vistosa tabuleta, e em que se afirmava ser

... mais fácil agarrar
dez estrêlas numa mão,
fazer o sol esfriar...

do que encontrar *ginja* como a que ali se bebia.

E, neste ponto, as cerejas fazem uma séria concorrência às uvas, que dão o mosto tão apetecido.

ADOLFO BENARÚS.

Manteigas — Vista geral do Poço do Inferno

EM PLENO CORAÇÃO DA SERRA DA ESTRÊLA

A VILA DE MANTEIGAS E O SEU PASSADO ACTIVO

Neves que datam da fundação de Portugal

O viajante que seguir a estrada da Guarda para Manteigas, descida uma parte dela, em torcícolos, que conduz a Valhelhas, através duma paisagem bastante árida, onde se avista, de longe em longe, uma mão cheia de pinhos, pequena mancha verde-negra de mistura com o verde pálido das giestas quási rasteiras e o cinzento, ennegrecido pelas fortes chuvas e pelos nevões, dos enormes penedos graníticos espalhados por tôda a parte, em desordem que parece de cataclismo — fica deslumbrado pela maravilha da paisagem que se desenrola a seus olhos ao tomar o trôço de estrada que à beira-rio o conduzirá, Vale do Zêzere acima, até Manteigas. A cada nova curva, mais e mais serrania avista, verificando que o horizonte visual se lhe fecha a pouco e pouco por enormes montanhas, a que os pinhos, de mistura com alguns penhascos, todos nesta quadra do ano coroados do branco sem mácula da neve, dão um aspecto inesquecível pelo encanto e pelo imprevisto.

E só a dois ou três quilómetros da povoação, dobrada mais uma das muicurvas do caminho, avista, alcandorada numa pequena colina, tendo aos pés o Zêzere tão manso no estio quão resmungão na estação invernosa, a pequena Vila de Manteigas. Pequena vila em extensão, sim; mas grande em beleza, tão grande como as maiores de Portugal.

Já a vila em si, talvez mesmo porque é tìpicamente beirã, com as suas ruas muito estreitas e inclinadas, as casas altas e pouco largas, esguias diremos melhor, que todo o terreno é pouco para cultivar, encanta pelo inèditismo.

A sua população, naturalmente triste e quási sempre vestida de escuro, se bem que bondosa, leal e destemida, faz-nos pensar que anda vergada ao pêso das quatro serranias que por todos os lados limitam o horizonte, a poucas centenas de metros.

E nós também quási ajoelhamos perante a magnificência, uma tão estranha grandeza daqueles môrros informes que para ali estão numa ameaça gigantesca de desabamento que tudo sepultaria. E a pobre gente, mourejando todo o dia o pão necessário à vida, indiferente já, pela fôrça do hábito, às belezas sem par que a rodeia, olha para nós com um sorriso triste, com um desejo, que se adivinha na melancolia do seu olhar, de vir para a cidade — para êste amontoado de casario, de pó, de mentiras convencionais.

E ao pastor que se encontra no meio da Serra — lá para os baldios onde os pastos abundam, com o seu rebanho de ovelhas e de cabras, em companhia o enorme cão, de ôlho bem aberto e vigilante, não vá raposa astuta ou lôbo esfaimado roubar de improviso o cordeirinho inocente que, descuidado, brinca por entre as pedras — embrulhado na sua capa grosseira, de varapau simultâneamente apoio e arma, ofensiva ou defensiva conforme as circunstâncias, e chapeirão de abas largas, nota-se-lhe nos olhos a nostalgia da convivência, o aborrecimento pelos dias e noites passados a sós, sem os carinhos de ninguém, em que êle terá de falar consigo mesmo se se quiser convencer de que não perdeu ainda o dom da fala.

Mas para qualquer lado que nos viremos, para qualquer sítio que alonguemos os nossos passos, o encanto não se atenúa. A Serra é um verdadeiro caleidoscópio!

É-me muito grato seguir, numa noite de verão, pela estrada que como larga fita branca está lançada, em perfeita simetria, desde cá de baixo, de 800 metros de altitude, pela encosta acima até lá ao alto, a 1600 metros. E — prodígio de engenharia — esta estrada apenas gasta dezanove quilómetros, por entre pinheiros debruçados curiosamente sôbre o macadam, para subir tôda esta montanha, sem que tenha declive notável!

Lá de cima, as casas de Manteigas — tão minúsculas que os moradores não se distinguem — lembram-nos habitações liliputianas, tão pequena é a vila, encravada no fundo da serrania.

A lua ilumina êste quadro digno do pincel do maior artista, e um dôce silêncio envolve tudo, apenas levemente perturbado pelo ciciar duma leve aragem nos pinhais inabarcáveis à vista, de mistura com a zanguizarra dos mosquitos e o cantar monótono dos bicharocos que povoam a mata sombria. De vez em quando um *tlim-tlim* suave perturba esta paz: é um rebanho que ao longe atravessa a estrada, à procura de fonte onde os animais e o próprio pastor se possam dessedentar.

Mas chega o inverno; o vento zune com violência assustadora; os pobres bichos escondem-se bem, trânsidos de pavor e frio, os rebanhos procuram regiões mais quentes. E, uma manhã, a montanha acorda revestida dum manto de neve. Tudo o que de Manteigas se avista é branco. O frio é de *rachar*. E sentados à lareira, a um bom fogo de pinho, observamos o nevão que vai descendo; ao outro dia, é quási certo, cobrirá também a vila. Mas já ninguém estranha; é hábito inveterado.

E são depois os longos dias em que a estrada está obstruída pela neve; e são também os passeios e as caçadas lá até às Penhas Douradas, ao magnífico Sanatório; são, enfim, a saúde, o bom ar, uma alegria sã de admiração perante espectáculo tão lindo...

Partindo de Manteigas em sentido contrário, deixadas já para traz as Caldas, termas belíssimas, das melhores do País, no tratamento de muitas e variadas doenças, passada a ponte sôbre o Zêzere, donde se avista uma paisagem soberba, e visto o aprazível sítio da "Fonte Santa", com os seus Parques Florestais, a que o engenho humano aumentou o encanto natural, e a fonte de água sulfurosa que ao local dá o nome e que é usada com resultados surpreendentes para a cura das doenças de fígado, estômago e pele, além de outras de somenos importância — chegamos, dez quilómetros andados desde o ponto de partida, por uma estrada atapetada, no verão, de caruma e coberta de neve no inverno, subindo sempre em declive sensível, ao Poço do Inferno, sem dúvida a jóia de mais precioso quilate engastada na mais alta montanha portuguesa.

A beleza da cascata, que duma altura bastante grande, esparrinhando, se lança num poço escavado na rocha, poço de que as paredes se elevam até ao ponto donde cai a água, vai mais além de tudo quanto se possa imaginar.

Parte-se esta continuidade de muralha para, por uma estreita passagem, que serve também para, por um estreito e perigoso caminho, alcançarmos a cascata, permitir o escoamento da água que forma o Ribeiro do Poço do Inferno, afluente do Rio Zêzere que, como já esta dito, passa no fundo do vale que tem o seu nome.

E a paisagem que se nos oferece é, como a que se avista da *Estrada da Serra*, surpreendente.

O Zêzere distingue-se desde as Caldas até para lá de Valhelhas; a estrada que conduz à Covilhã e se ramifica para a capital do distrito recorta-se mais além, paralela à fita prateada das águas do rio. E é pelo cume da encosta em frente, em grande parte desnudada, que segue, em curvas e contra-curvas contínuas, a estrada em direcção aos Covões. Ir lá de automóvel, só com motorista muito experimentado, que a escassa largura do caminho e os precipícios que a par e passo o acompanham torna a viagem perigosíssima.

Mas se êste sítio do Poço do Inferno era já lindo por si, as obras de aformoseamento que os Serviços Florestais aqui têm realizado tornam-no encantador. Além de mesas de pedra com os respectivos assentos a que abancam durante o ano milhares e milhares de excursionistas, uma fonte de água frígida e cristalina, rústicos fogões de pedra de comodidade e utilidade evidentes, e, à sombra dos pinhos, bem construído divã, de assento um pouco duro embora, e um mirante que domina todo o Vale do Zêzere, completam o agradável conjunto. E se se quiser andar mais um par de quilómetros, encontra-se a povoação das Sarnadas, já em concelho de Covilhã, onde se fabrica um saboroso queijo de leite de cabra, fresco, que faz as delícias de quem o come. De mais, o seu preço é ínfimo.

E enquanto vamos percorrendo o caminho que nos há-de conduzir de novo a Manteigas, relembremos um pouco da história desta vila:

Perde-se na noite dos tempos a sua fundação.

Está averiguada a existência de Manteigas já no tempo dos romanos como povoação de grande importância, e sabe-se também que no ano 50 A. C. por esta vila passou Júlio César, então simples governador da Gália e mais tarde inteligente ditador romano. Prova dêste facto está numa lápide que o desleixo, não certamente a malvadez, permitiu que se lançasse nos alicerces da Igreja de Santa Maria, depois de estùpidamente quebrada por um pedreiro a quem a gravação de sinais que não entendia encheu, sem dúvida, de furor destrutivo.

Esta mesma Igreja de Santa Maria está edificada no local e em substituïção da Mesquita Árabe que, por seu turno, tinha vindo substituír o — diz-se — interessante templo romão a Lúcifer.

Por motivos de ordem estratégica, foi Manteigas também muito considerada pelos árabes. Em tal conta a tiveram que foi governada a vila por um *alcaide* ou *emir*, governador a que os nossos escritores medievais davam muitas vezes o título de *rei*, de tão grande importância eram as funções que desempenhava.

Formadas as monarquias neo-góticas, foi Manteigas encorporada no Condado Portucalense, passando com D. Afonso Henriques a fazer parte do jóvem reino de Portugal.

Logo o segundo rei português lhe concedeu foral. Infelizmente que êste foral de D. Sancho I, datado de 1188, e arquivado na Tôrre do Tombo, se perdeu no incêndio que destruíu tal arquivo, a quando do terremoto de 1 de Novembro de 1755.

E feita a reforma dos forais por D. Manuel, que concatenou e deminuíu os privilégios e garantias que a liberalidade e a boa política dos seus antecessores entendera dever conceder aos povos dos Municípios, não se esqueceu o Rei Venturoso de conceder nova carta de foral à Vila de Manteigas, o que fez em 4 de Março de 1514.

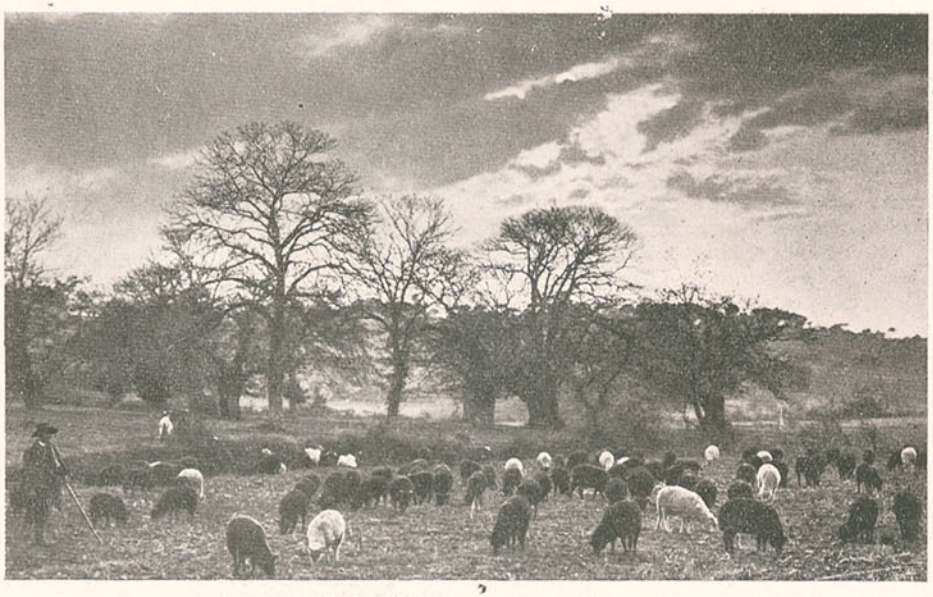
Êste documento, do qual uma cópia se encontra arquivada na Secretaria da Câmara Municipal da linda vila serrana, encadernada à maneira antiga em resistente capa de cabedal com farta pregaria, e sendo o conteúdo escrito em papel que a bicharia ainda não roeu, trata principalmente do apascentamento de gados, de plantação de árvores, da corregedoria do crime e dos limites com o concelho da Covilhã — velha questão que muitas vezes provocou incidentes graves e que só viu fim há três ou quatro anos, após uma delimitação feita pelos representantes dos dois concelhos vizinhos reünidos em comissão presidida por um delegado do poder central.

É de pequena extensão êste concelho, composto apenas de três freguesias, duas das quais — Santa Maria e São Pedro — na vila e a última — Sameiro — distante cinco quilómetros da séde, com uma po-

Manteigas — Um aspecto do Poço do Inferno

A majestade do Poço do Inferno

Cântaro Magro



Um rebanho na Serra da Estrela

pulação de 500 pessoas a juntar às quatro mil que na vila habitam.

Escapando à ira demolidora de Passos Manuel, que por decreto que o Código Administrativo de 1836 confirmou, extinguiu nada menos de 466 concelhos, considerados incapazes de terem vida autónoma, não foi o de Manteigas poupado por João Franco. E assim deixou de ter existência, com outros mais, em 1896, embora logo restaurado em princípios de 1898.

Hoje os seus habitantes têm a aspiração, aliás legítima, de verem adstritas ao seu concelho algumas povoações vizinhas, pertencentes a concelhos tão grandes que a falta de duas freguesias será de ínfima importância para êles, ao passo que a integração delas no concelho será de máxima vantagem para Manteigas. Acresce ainda que as relações dêsses povos são mais com Manteigas do que com as cabeças dos concelhos a que ora pertencem, e que Manteigas pelas suas condições geográficas tem de, por natureza, formar um município.

Assim como se desconhece a data da sua fundação, também se ignora a origem do nome Manteigas.

Aventa-se a hipótese, não descabida, de que das óptimas manteigas que ali se fabricavam e do saboroso queijo da Serra, que ainda hoje ali tem um dos principais centros de fabricação, tirou o seu nome.

Não se pode afirmar que assim tivesse acontecido, mas também não repugna a acreditar na verdade desta hipótese, mais verosímil ainda se atendermos a que os nomes, alguns bizarros, que os vários locais ostentam, têm todos ligação com qualquer facto que neles ocorresse.

E também é assunto de muitas discussões a origem do próprio nome da Serra de que Manteigas é bem o coração.

Chama-se assim por ser alta e estar muito perto das estrêlas, opinam uns; por dela se vêr brilhar durante a noite a Estrêla de Alva, a quem os romanos dedicaram um templo, afirmam outros; porque a configuração da serra, vista de certo ponto, é a duma estrêla, donde passou a chamar-se Serra da Estrêla, não têm dúvidas em afirmar outros ainda. Qual seria, qual não seria a origem do nome, não foi até agora com certeza e lógica afirmado. O que é certo é que desde tempos remotos assim tem sido denominada, e já não é provável que mude de designação...

A estrada agora, um pouco antes de chegar às Caldas, bifurca-se. Sigamos o ramal.

Está ainda em construção, e só podemos alcançar a "Fonte de Paulo Luiz Martins„ de grande originalidade: a água aparece em repucho junto a uma rocha, sem que se tenha conseguido encontrar a nascente. Mesmo com a maior calma, é frigidíssima; com certeza a mais fresca da Serra.

O Cântaro está perto e nós lá vamos, através da montanha, por um estreito caminho que mal se distingue.

Uma hora andada, surge-nos pela frente a majestade ciclópica do Cântaro Magro: monolito colossal, de quatrocentos metros cortados a prumo.

Mas consegue lá subir-se: quer seja pela parte anterior, quer pela Rua dos Mercadores — tira o seu nome de enormes penedos iguais que dispostos simètricamente lembram grandes fardos que ali tenham exposto — embora mais de duas horas sejam necessárias para a penosa ascensão.

A meio do môrro encontra-se a chamada "Geleira do Cântaro„, que tira o nome do facto de nunca se acabar a neve neste ponto, por mais canicular que seja o verão.

E quer no estio, polícromos de flores variadas, quer no inverno, branquinhos da neve, os planaltos que rodeiam o soberbo Cântaro são inesquecíveis.

Impossível se torna dar uma completa descrição da Serra. As Lagoas, o Vale das Éguas, o Fragão do Corvo, os Barros Vermelhos, a Candieira, e outros e outros, são sítios encantadores que despertam a atenção e o interêsse de quem os visitar.

Não podemos deixar de nos referir à Tôrre, construção de oito metros de altura, mandada erigir por D. João VI no ponto em que a Serra atinge 1992 metros, e donde, como é óbvio, se avista o mais extenso panorama que se pode abarcar no País: as dunas de Aveiro, a foz do Mondego, o Oceano, Lisboa, grande parte do Alentejo, um bom pedaço de Castela, são pontos que se distinguem da Tôrre, auxiliada a vista com um bom binóculo, claro está.

Se é certo que daqui se abarca a maior extensão, encontro porém mais beleza no panorama que se disfruta do alto da Serra de São Lourenço, do mirante que aí foi construído pelos Serviços Florestais.

Para a vertente de Manteigas, desenrola-se a nossos olhos, já cansados de admirar tanta maravilha, todo o Vale do Zêzere: primeiro os três Cântaros (Gordo, Magro e Raso), logo a seguir a nascente do Zêzere e depois todo o seu curso, primeiro em leito de grande declive, para mais próximo já da sua confluência com o Tejo, se espraiar largamente pelas margens relativamente planas.

Para o lado oposto, depara-se-nos a Guarda, a mais alta cidade portuguesa, lá em baixo, a nossos pés: a seguir a Serra da Gardunha com os seus cambiantes de vegetação e, lá mais para o lado, a Serra da Gata, já em Espanha.

É velho lugar comum — mas verdadeiro — afirmar-se que a maioria dos portugueses não conhece o seu País, indo por tal motivo procurar no estrangeiro aquilo que tem em sua própria casa.

Mas também é incontestável que muitos que se dizem conhecedores da Serra da Estrêla não a conhecem na realidade, visto que não é porque num domingo de passeio em automóvel veloz ou porque passaram um fim de semana na Nave de Santo António esquiando, que se fica fazendo uma ideia do que é a Serra. Assim, quando muito, tomou-se contacto com a Serra.

E já que falamos em esquis, seja-nos permitido acentuar a nossa simpatia por tal desporto, lamentando que condições climatéricas não permitam um maior desenvolvimento dêste exercício tão sàdio e agradável. É que o vento que na Serra sopra freqüentemente, além do aborrecimento que nos causa fustigando-nos o rosto, arrasta a maioria da neve para os vales. Aí, nos vales, é que seriam as pistas ideais para esquiar.

Há, bem o sabemos, o perigo dos precipícios que a neve cobre e podem ser fontes de graves desastres. Mas bem delimitadadas as pistas, sinalizando o perigo onde êle exista, fazendo-o desaparecer quando possível, muito haveria a lucrar: as condições atmosféricas são melhores, a neve é mais abundante, dura mais tempo e as pistas poderiam ser maiores em número e em extensão.

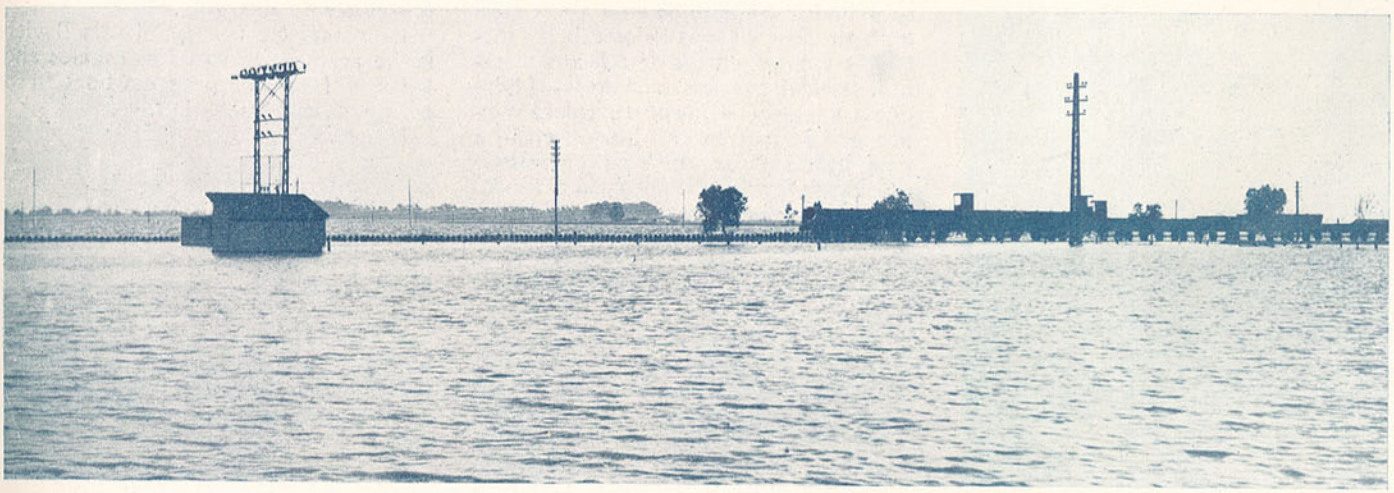
E porque não praticar na Serra um desporto que em Portugal é desconhecido e que também oferece tanto interêsse — a patinagem sôbre o gêlo? As lagoas, algumas de fácil acesso, serviam à maravilha para tal. De desastres não haja receio: o gêlo que cobre as águas tem espessura mais que suficiente para fazer desaparecer o risco de quebra.

Aqui fica a ideia.

GASPAR DA CRUZ FILIPE.

A FÚRIA DO TEMPORAL

Todos os anos, o rio Douro, embravecido pelo temporal, galga as muralhas e entra aparatosamente na cidade do Pôrto. Na gravura acima, vê-se a pitoresca Ribeira inundada pelo caudaloso rio que parece conhecer já o caminho. — Em baixo, vê-se parte do material da Entreprise Ossude, à deriva, em frente da Foz do Douro



Agora é o Ribatejo que nos dá um aspecto desolador. Muitas povoações foram bloqueadas pelas águas, ficando o trânsito, quer pelas estradas, quer pelo caminho de ferro, paralizado em vários pontos. A gravura acima mostra um combóio de mercadorias imobilizado na linha, junto à estação de Azambuja, devido à cheia

A arquiduquesa Sofia com o seu filho Francisco José

NÉVOAS DO PASSADO

A vida amorosa d'filho de Napoleão

Um coração pequenino quansiava mundos de ternura

SOFIA da Baviera estava no salão dos seus aposentos particulares, sentada ao piano, tocando com inexcedivel expressão e sentimento — a inexcedivel expressão e sentimento daqueles a quem o amor consome, que vivem, por assim dizer, abrazados de amor — uma das mais inspiradas sonatas de Mozart.

Para quem, depois de haver atravessado os salões tão vastos como gélidos e tão sumptuosos como tristes do palácio de Schoenbrunn, penetrasse naqueles aposentos, em cuja decoração transparecia o gôsto, ao mesmo tempo simples e requintado, da princesa da Baviera, essas dependências assemelhar-se-lhe-iam a um fresco e embalsamado oásis, no meio dum árido deserto.

Fresco e embalsamado oásis realmente! Os ramos de flores, artìsticamente dispostos nas jarras de porcelana de Saxe, exalavam, ao agonizar, a sua alma perfumada, de modo que reinava no ambiente uma deliciosa fragrância.

Era um oásis, um oásis onde se respirava o terno, suave e amoroso perfume das rosas, um oásis onde o infeliz exilado ia refrescar a sua boca sequiosa de afecto na fonte da amizade.

A dançarina Fanny Elssler

Sofia tocava para si, unicamente para si. Deixava, pode dizer-se, o seu coração falar sob os seus dedos...

De súbito, num gesto doce como uma carícia, duas mãos se poisaram diante dos seus olhos.

A juvenil princesa estremeceu, mas não se assustou. Conhecia demasiado bem os afagos daquelas mãos para se assustar...

Um sorriso encantador, um sorriso de êxtase, um sorriso de felicidade, aflorou aos seus lábios côr de rosa.

— Franz, meu querido Franz, — murmurou Sofia docemente, ou antes, amorosamente, num tom de voz que era uma carícia, uma confissão, um grito de alma...

Sem procurar libertar-se daquela suave prisão, deixou a cabeça descaír para trás, gozando a inefável doçura de se abandonar um pouco nessas mãos, cujo contacto a faziam estremecer.

Francisco Carlos Napoleão olhou por momentos encantado aquela deliciosa cabeça encostada quási de encontro ao seu peito.

Dir-se-ia a corola duma linda flor, de que o pescoço, alto e esguio, era a haste. E, como todas as flores, ela exalava o seu aroma, um perfume suave e discreto que, não mudando nunca, parecia ter-se incorporado nela, de modo a parecer uma emanação natural.

Sofia libertou-se por fim, e ergueu-se alegremente do piano.

Um segundo mais tarde estavam nos braços um do outro, ternamente enlaçados, num abraço que, dada a mocidade e a beleza de ambos, parecia, realmente, mais de amantes do que de parentes...

Em frente a eles, um alto espelho reflectia na sua límpida superfície as suas imagens.

Que quadro encantador daria ao pincel dum artista aquele formoso par amorosamente enlaçado!

Sofia da Baviera tinha vinte seis anos, mas ninguém lhe daria mais de dezoito. Esbelta como um lírio e delicadamente formosa, repleta de leveza e de graça como uma bonita arvéola, a princesa com os seus traços finos, a sua tez branca e rosada como a flor da amendoeira, os seus lindos olhos onde toda a sua alma transparecia e os seus belos cabelos castanhos escuros, cheios de reflexos doirados, assemelhava-se a uma dessas sílfides que a imaginação dos poetas coloca sempre nos jardins encantados, ou então a uma dessas fadas que os iluminuristas de outrora representavam vestidas de brocado côr do sol ou do luar, tendo nas mãos a sua magica varinha.

E, se ela era a mais formosa das princesas, êle, alto e esbelto (demasido alto e esbelto talvez) no seu uniforme branco, com a sua bela e romântica cabeça nimbada pela auréola dos seus finos cabelos de oiro, era, indiscutivelmente, o mais seductor dos príncipes.

Os olhos de Francisco Carlos e de Sofia, ao acaso, cairam simultaneamente sôbre o espelho e uma extensa vermelhidão assomou às faces de ambos.

O príncipe fitou atentamente a arquiduquesa. Dir-se-ia que nunca ela lhe parecera tão bela como naquele momento, vestida com um lindo trajo de setim branco que deixava a descoberto os seus alvos ombros admiràvelmente lançados, a sua garganta nacarada, à volta da qual se enroscavam três fios de pérolas, e o princípio do seu colo sedutor.

Pela primeira vez na sua vida olhou-a como homem. Viu nela, não a doce amiga, mas a mulher em si e ficou surpreendido ao reconhecer que era linda, encantadora, adorável, infinitamente superior a tôdas essas mulheres, encontradas nos bastidores dos teatros, nas festas das embaixadas, ou nos salões da aristocracia vienense, que tão grande perturbação haviam causado nos seus sentidos de sensual exaltado.

Sim, porque êle era um sensual exaltado, herdeiro da ansia amorosa, da febre de volúpia que devorara tanto os Bonapartes como os Habsburgos...

Sentiu-se invadido por uma estranha comoção e, tomado por uma súbita timidez, não ousou beija-la como de costume.

Lentamente, quási tristemente, o príncipe largou a arquiduquesa. O abraço desfez-se. Sofia sentou-se entre as almofadas dum divan e Francisco Carlos tomou lugar numa cadeira baixa, quási a seus pés, como o faria, não talvez um parente, mas um amante...

Depois, tomou-lhe as mãos, essas mãos liriais, que tantas vezes, com as suas carícias, haviam cicatrizado as feridas da sua alma, e refugiou-se todo no seio dessa amizade, isto é, principiou a confiar àquele coração que sabia terno, sincero e fiel, as penas imensas que faziam o seu trasbordar de amargura.

Emquanto êle falava, Sofia da Baviera ia-lhe acariciando os loiros cabelos anelados, a fronte de neve e a boca fresca e polpuda como uma flor.

Ia-lhe acariciando, não. Ia-lhe beijando os loiros cabelos anelados, a fronte de neve e a boca fresca e polpuda como uma flor. As mãos, os dedos, também podem beijar...

De repente, uma crispação dolorosa franziu o rosto da arquiduquesa. As suas límpidas pupilas turvaram-se como que de despeito e de cólera. A boca, onde errava constantemente êsse sorriso adoravel que constituia o seu maior encanto, cerrou-se com uma expressão de infinito pezar.

Uma, duas, três imagens detestadas — imagens das mulheres que (sabia-o bem) haviam conhecido horas de amor junto de Francisco Carlos — tinham vindo, quais diáfanos fantasmas, interpor-se entre êle e ela.

Imagens detestadas, imagens de mulheres que odiava porque, embora fôsse muito doloroso para o seu orgulho e para a sua dignidade de reconhecer, lhes invejava a ventura de haverem conhecido horas de amor e, sem dúvida, de felicidade intensa, nos braços do homem que ela amava com todo o seu corpo e com tôda a sua alma...

As mãos crispadas de Sofia cairam frias e inertes e os seus olhos cerraram-se quási por completo.

Não queria ver aqueles cabelos loiros tão finos e luminosos que dir-se-iam oiro fiado — aqueles cabelos loiros que em horas, em noites de amor, se tinham misturado com tranças que não eram as suas...

Não queria ver aqueles olhos de pervinca — aqueles olhos maravilhosamente azuis que em amorosos amplexos tinham reflectido imagens que não eram a sua...

Não queria ver aquela boca tentadora — aquela boca sensual, vermelha e fresca como uma cereja que, fremente de desejo, se tinha unido a bocas que não eram a sua...

Ah! Não queria, não queria ver aquela boca, aqueles lábios ainda quentes, talvez, dos beijos de outra...

Quem seria essa outra — pensava Sofia — de quem ela, uma princesa da Baviera, uma arquiduquesa da Austria, invejava a felicidade?

A condessa Nandine Karolyi

Princesa da Baviera? Arquiduquesa da Austria?

Tanto às princesas como às arquiduquesas as suas coroas não as isolam do Mundo, não as impedem de serem mulheres e, naquele momento aguilhoada pelo ciume, ela não era mais do que uma simples, uma pobre mulher...

— Onde vais esta noite, Franz? — preguntou por fim, sarcasticamente, pálida como um sudário, com um riso mau nos lábios.

— Onde vou esta noite? — repetiu o principe ingènuamente, erguendo para Sofia os seus olhos côr do ceu, espantado com aquela mudança de tom e de atitude.

— Talvez à Opera aplaudir Fanny Elssler, ou cortejar Tereza Peche — continuou Sofia da Baviera rindo, com um riso que era um soluço. Talvez à embaixada de Inglaterra dançar com a condessa Karolyi. Talvez correr as ruas de Viena na companhia do Infante D. Miguel e do conde Esterhazy. Talvez mesmo...

— Sofia! — exclamou o príncipe, agarrando-lhe as mãos, como que para deter aquela torrente de sarcasmos.

— Julgas que eu não sei tudo? — respondeu violentamente Sofia da Baviera arrancando as mãos que êle conseguira captar nas suas. Julgas que eu não sei da tua aventura com Fanny Elssler? Julgas que eu não sei da tua ligação com a condessa Nandine Karolyi? Julgas que eu não sei do teu romance com a *chanoinesse* polaca?

— Fanny Elssler não é, nem nunca foi minha amante — afirmou o príncipe com a maior energia. Enquanto à *chanoinesse*...

— Não quero saber! Não quero saber! — replicou a arquiduquesa, com uma voz rouca, como que sufocada pelos soluços interiores. Bem sei que não tenho o direito de te falar assim. És novo e és livre. Tens direito à vida e ao amor.

— Mas não me abandones tanto! — exclamou lívida, ofegante, impelida por um dêsses impetos que enlouquecem as mulheres nos momentos de crises de alma. Eu sofro como tu sofres! Eu sou como tu uma exilada! Ninguem aqui me ama como a ti. Nem aquele que me devia realmente um pouco de afecto... A minha única consolação eras tu. Mas tu já não me pertences como dantes no tempo em que não conhecias nem Fanny Elssler, nem a condessa Karolyi nem a *chanoinesse*...

Oh as cartas dessa mulher! Eu via-as, eu lia-as, pelo menos todas aquelas que, por ordem do imperador, foram interceptadas.

Como e lasabe escrever, como ela sabe falar! Como eu desejaria possuir a arte suprema de dizer as coisas grandes e as coisas belas com que se perturbam, se fascinam, se prendem as almas dos sonhadores... dos sonhadores como tu...

Êles estavam ambos de pé, em frente um ao ouro, muito pálidos, conscientes de que ia soar uma hora decisiva na existência de ambos.

Pela primeira vez, Sofia aparecia a Francisco Carlos não como a dôce amiga, mas como a amorosa impelida por essa

O duque de Reichstadt (Desenho de Doffinger)

rajada da paixão que arrasta atrás de si a humanidade inteira.

— Ela ama-me... Ela ama-me — murmurava para consigo surpreendido e encantado.

Uma emoção muito dôce, muito suave, muito pura, uma dessas emoções como apenas se sentem uma vez na vida se apoderou do "Aiglon".

— Ela ama-me... Ela ama-me... — repetia para si, num êxtase, como num sonho.

A luz fez-se no espírito de Francisco Carlos Napoleão e êle compreendeu que amava Sofia, que a amava há muito, mesmo quando julgava ver nela apenas uma amiga e que a amava para sempre.

Era Ela, a Flor de Amor que o destino colocara na estrada da sua vida para embalsamar os seus dias de suprema ventura...

Extremamente perturbado, com o coração vibrante de paixão, o principe aproximou-se de Sofia, tomou-a nos braços e cingiu-a a si. E quando a teve assim, estreitamente enlaçada de encontro ao seu peito, Francisco Carlos conheceu um momento de louca embriaguês.

Ao contacto daquele corpo juvenil que se abandonava amorosamente nos seus braços, o "Aiglon" sentiu o sangue, aquecido pela chama imperiosa do desejo, correr-lhe nas veias em torrentes de fogo.

Durante um momento, um desses longos momentos que precedem muitas vezes os actos decisivos da vida, o principe imperial contemplou Sofia. Depois, lentamente, inclinou-se para ela, aproximou tanto o rosto que as suas respirações se confundiram. Ela semi-cerrou as palpebras guarnecidas de longos cilios de ouro e entre-abriu os lábios, deixando ver os dentes que brilhavam como perolas num escrínio de coral.

A boca do homem encontrou a da mulher e apoderou-se dela, com essa audácia, mixta de doçura e de força, que faz parte inerente do amor.

EUNICE PAULA

A mulher à janela, numa linda noite de verão, diz romanticamente para o marido:

— Sabes? gostava de ser uma estrêla!

— Quem me dera! — suspirou o marido.

— Porquê?

— Porque a estrêla mais próxima da terra está a onze milhões de quilómetros de distância.

■

Entre noivos:

— Muito hei-de gostar — dizia ela ternamente — de partilhar todos os teus desgostos e contrariedades.

— Mas, meu amor — respondia ele, com igual ternura — se eu não tenho nenhuns.

— Sim — concordava ela — mas quero eu dizer, quando estivermos casados.

■

O médico: — Quando teve êsse acesso de febre, sentiu calafrios, bateram-lhe os dentes, não é verdade?

O doente: — Não posso dizer ao certo, sr. doutor. Enquanto aos calafrios parece-me que sim, mas lá os dentes, êsses estavam em cima da mesinha de cabeceira... e como eu sou um pouco surdo, não sei se bateram ou não.

■

A professora de higiene: — Porque é que devemos ter sempre cuidado em conservar as nossas casas limpas e aceadas?

A aluna: — Porque podem chegar visitas de um momento para o outro.

■

Entre amigos:

— Sabes? Estou aflitissimo. Um fulano escreveu-me a ameaçar-me de que me dá um tiro se continuo a dirigir galanteios à mulher dele.

— Mas é fácil. Deixa a criatura em paz.

— Sim, mas é que o idiota não teve

— E a que partido político pertence V. Ex.ª?
— Ao seu... Ao seu!

coragem para assinar. Assim como hei de saber qual delas é?

■

O criado para a visita importuna:

— O patrão disse-me que lhe dissesse que êle não estava.

O visitante: — Ah! sim? Pois pode dizer ao seu patrão que eu não vim cá.

■

O advogado: — Diga-me então quais foram as expressões de que o reu se serviu e de que o sr. se queixa?

O cliente: — Disse que me desafiava a encontrar um ladrão pulha e velhaco ainda pior do que eu...

O advogado: — E o sr. que fez?

O cliente: — Disse-lhe que vinha procurar V. Ex.ª.

■

— Mas se você sofre tanto de insónias, porque não consulta o seu médico?

— Deixe-me cá, homem! O lembrar-me da conta que já devo ao médico, é que me tira o sono!

■

O médico: — Se o tratamento que lhe indiquei não fizer bem, venha ter comigo novamente.

O doente: — E torna a dar-me o dinheiro da consulta?

O médico: — Isso não.

O doente: — Então para que hei de voltar?

■

Um sujeito vê um petiz, filho de um amigo seu, parado no passeio de uma rua solitária.

— Que fazes tu aqui, Luizinho?

— A mamã disse-me que não atravessasse a rua enquanto não passassem os carros. Há uma hora que estou aqui parado e ainda não passou nenhum.

■

A dona da pensão: — Quando passar hoje o cortejo, quere vir para a janela da cozinha? Vê-se dali esplendidamente!

O hóspede: — Aqui da janela do meu quarto ainda se vê melhor!

A dona da pensão: — É que eu aluguei a janela do seu quarto!

■

— Que idade tinha você quando casou?

— Não me lembro bem... O que sei, com certeza, é que ainda não raciocinava.

■

Um sujeito mostra a um amigo o retrato de uma senhora muito formosa, mas conhecida como muito faladora.

— Que te parece?

— Muito bem! É uma soberba fotografia instantânea!

— Como conheces isso?

— Porque está com a bôca fechada.

■

O electricista para o seu ajudante que o auxiliava num trabalho:

— Ponha a mão num dêstes fios.

O ajudante assim faz.

— Sente alguma coisa?

— Não, senhor.

— Bem — salientou o electricista — é que eu não tinha a certeza de qual deles era. Não toque no outro que lhe dará morte instantânea.

■

Um indivíduo muito feio dizia:

— Graças a Deus, não sou homem de duas caras!

— Tem razão em dar graças a Deus. Quando se tem uma cara como a sua, bem basta uma.

— Não posso esperar mais. Estou loucamente apaixonado por ti e vamos casar-nos!
— Mas... tens dinheiro para pôr casa?
— Então tu não herdaste da tua tia?
— Eu não!...
— Então desculpa... que me enganei na paixão!

VIDA ELEGANTE

Récita elegante

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se no teatro da Trindade, na primeira quinzena de Janeiro, a festa anual dos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá (D. Duno), e Carlos da Mota Marques, com a última representação da peça género policial «Um Homem Fatal»; na qual a distinta actriz Irene Izidro e o querido actor Erico Braga, tinham notáveis trabalhos.

Damos em seguida a nota da selecta assistência que enchia a vasta sala de espectáculos:

Marqueza de Fontes Pereira de Melo, Condessa de S. Tiago, Condessa de Santar, Condessa de Castelo Branco, Condessa de Murça, Condessa de Folgosa, Condessa de Avilez, Viscondessa de Santarem, Viscondessa de Sacavem, Viscondessa da Merceana, Viscondessa de Atouguia, Viscondessa de Alverca, Viscondessa de Ameal, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Josefa Contreiras, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Virgínia de Abreu Caraça, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Berta Ortigão Ramos, D. Honorina de Morais Graça, D. Fernanda de Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Ema Barjona de Freitas de Bivar, D. Camília Paiva Raposo e filha, D. Felismina da Rocha Leão de Sousa d'Eiró, D. Adelina Machado Fernandes dos Santos, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Andréa Pinto da Rocha, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, D. Emília de Anciães Proença Pereira do Vale, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Júlia Pinto de Gouveia, D. Maria Antónia Homem de Sampaio e Melo, D. Constança de Magalhães Monteiro da Cunha e Costa, D. Idalina Alda de Oliveira Aguiar, D. Maria Ermelinda de Magalhães Monteiro de Carvalho, D. Ana de Serpa Osório, D. Ilda Xavier de Brito Barata, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Maria Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Margarida Caupers de Bragança, D. Mary de Brito Keil, D. Berta Bastos Mendes e filha, D. Luiza Maria Machado Perry Vidal e filha, D. Maria Dora Costa, D. Maria Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, D. Júlia Assis de Brito, D. Amélia de Guimarães Carvalho, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Alice de Sousa Melo, D. Alice Maury de Melo, D. Palmira Lucas Torres, senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filha. D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Felismina Canas Cardim, senhora de dr. Alberto Xavier, D. Carolina Monteiro de Mendonça e filha, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Octavia Sassetti de Oliveira Vinagre, D. Maria Henriqueta Sá Valente Salema Garção e filha, D. Maria Adelaide de Noronha Porto de Castelo Branco, D. Sára Burnay de Paiva de Andrade, D. Laura Reis Ribeiro Ferreira e filhas, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Ana de Melo Rego e filha, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Fernando Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Sára Violante Leitão Teles, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Eliza Talena Ferreira, senhora de dr. Silva Ramos, D. Adriana Ferreira de Almeida, D. Alzira Colaço Cordeiro Ramos, D. Adélia Palau de Roura, D. Henriqueta Abrantes Costa, D. Maria Lobato de Meio, D. Emília Pimentel, D. Fernanda de Castelo Branco Pinto Saraiva, D. Maud de Mendonça, D. Maria de Pilar, Benito Gracia Salazar de Sousa, D. Maria Primitiva Fernandes Muiños e filha, D. Maria Luiza Vaz Morane e filha, D. Maria da Conceição Paraíso Duarte Mourão, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Alice Costa Botelho de Andrade, D. Maria Helena Calheiros Burguete, D. Maria Amélia Lucas Torres de Farinha, D. Alfredo Keil de Morais Sarmento, D. Maria José Graça Ribeiro Ferreira, D. Maria Cândida Ribeiro Lopes, D. Zina Pombo Horta e Costa, D. Branca Pina Machado de Carvalho Figueira, D. Ema Bastos Vicente Ribeiro, D. Ana Biermann de Brito Aranha, D. Maria Isabel Ribeiro da Costa Barbosa e filha, D. Maria Rita Alves do Rio Contreiras, D. Emie Polbay de Castelo Lopes, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Magda Buzaglo, D. Maria da Conceição Assis de Brito, D. Fernanda Montelano, senhora de Amorim Parreira, D. Adelina e D. Carolina de Sousa Nunes, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, senhora de tenente Soares de Oliveira, D. Sofia Covacichi de Sousa Lima, D. Maria de Amparo Sousa Botelho Pereira de Araujo, D. Estrela de Carvalho Papulin, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria Fernanda Moreira da Cruz Ferreira, senhora de Francisco Xavier d'Orey, D. Angela do Céu Moreira de Sousa Quaresma Gomes, senhora de Teles Diniz (filho), D. Maria José de Aboim de Quental, D. Julieta da Silva Sequeira Lopes da Mota Marques, D. Emília Brederode Smith, D. Laurinda Freire Pegado, senhora de Bernardino Gomes, D. Celeste Dias Barbosa, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Florinda e D. Alice Dias Ferreira Fragoso, D. Maria Rita de Carvalho Ricca, D. Virgínia Neves Gorjão, D. Maria da Guia Ferreira, Patrício, D. Maria Luiza e D. Sára Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Tereza Tavares Dias Campos Coelho, D. Maria Clementina Lisboa Achemann, D. Maria José de Sousa Rego, D. Clotilde Seabra da Costa e filhas, senhora de Bernardino José de Carvalho, D. Maria Emília Sousa Gentil Rego, D. Maria Georgina de Vasconcelos e Sá Ferreira, etc., etc.

Casamentos

Realizou-se em Porto Amélia (Moçambique) o casamento da sr.ª D. Elsa Maria José Lobato de Faria Roncon, filha da sr.ª D. Maria Augusta Lobato de Faria Roncon e do sr. Francisco Carlos Roncon, Administrador da Circunscrição, com o sr. dr. Carlos Augusto Ferreira, distinto clínico naquela colónia.

Apadrinharam o solene acto, por parte da noiva seus tios os sr. dr. António de Oliveira Guimarães e sua esposa D. Marcela Lobato de Faria de Oliveira Guimarães e por parte do noivo seus tios dr. António Ferreira e esposa.

Ao copo de água assistiram grande número de convidados.

Foram oferecidos aos noivos grande número de valiosas prendas.

— Celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Cesarina Martins Tavares, gentil filha da sr.ª D. Antónia Adelaide Martins Tavares, e do sr. dr. José Eduardo Tavares, já falecido, com o sr. Mário Costa Carvalho Gonçalves de Castro, filho da sr.ª D. Alzira Costa Carvalho de Morais e Castro e do sr. Armando Gonçalves de Morais e Castro.

Fôram madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Izaura de Almeida Costa Monteiro de Sousa e padrinhos os srs. Ernesto Rodrigues Bastos e Júlio Felix. Terminada a ceremónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãi da noiva. Aos noivos fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Após o registo civil na 6.ª Conservatória, presidido pelo sr. dr. Adolfo Leitão, celebrou-se na paroquial de S. João da Praça, presidido pelo prior da freguezia da Sé Paroquial reverendo J. Soares, o casamento da sr.ª D. Zulmira Prazeres Seivas, com o nosso presado colega na imprensa sr. José Luís Ribeiro. Serviram de padrinhos os srs. dr. Salvador Marques e esposa, Homero de Almeida Moniz e esposa, Amilcar de Sousa e esposa, capitão Martins dos Reis, e Manuel da Assunção Coimbra. Finda a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na paroquial de S. Jorge em Arroios, presidida pelo prior da freguezia reverendo Cónego dr. Martins Pontes, que antes da missa, que foi resada pelo reverendo Pio, fez uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Izabel Marques Perez, com o tenente da armada sr. Rui Pires Branco, tendo servido de padrinhos os srs. dr. Juiz Vasco Perez e Fernando Castelo Branco. Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, a sr.ª D. Adelaide Marques Perez, um finíssimo lanche. Aos noivos fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas.

— No Estoril, celebrou-se na paroquial de Santo António, o casamento da sr.ª D. Maria Emília Cabral Campeão, interessante filha da sr.ª D. Herminia Frederica da Mota Cabral Campeão e do sr. Ernesto Pereira Campeão, já falecidos, com o tenente de cavalaria sr. Luís Soares de Oliveira, filho da sr.ª D. Eugénia Soares de Oliveira, e do general sr. Domingos de Oliveira, conselheiro do Estado. Fôram madrinhas a cunhada da noiva sr.ª D. Cândida das Dores Cabral Campeão e a mãi do noivo e padrinhos o tio da noiva sr. dr. João Cabral Mota Felix e o pai do noivo. Presidiu ao acto o reverendo prior da freguesia, monsenhor Pinheiro Marques, prior de S. Pedro, em Alcantara, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, em S. Pedro do Estoril, um finíssimo lanche. Os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Inácia Cabral Moncada de Casal Ribeiro de Carvalho, esposa do sr. dr. José Maria de Casal Ribeiro de Carvalho, para seu filho Francisco, a sr.ª D. Elizabete Ana Maria Pressler Aranha, gentil filha da sr.ª D. Ernestina Serzedelo Pressler Aranha e do sr. Carlos Aranha, já falecido. A cerimónia realizar-se-há por todo o corrente ano.

— Na paroquial do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Cecília Cordeiro Pereira, interessante filha da sr.ª D. Leopoldina Cândida Cordeiro Pereira e do sr. Júlio Manuel Pereira, e sobrinha do sr. dr. António Manuel Pereira, ilustre delegado do Procurador da República, com o distinto engenheiro sr. Carlos Frederico Saragga Biscaia, filho da sr.ª D. Dina Saragga Biscaia e do sr. Francisco José Nobre Biscaia. Serviram de madrinhas as sr.as D. Cecília Mendes de Carvalho e D. Filomena Saragga, tia do noivo e de padrinhos os srs. José Mendes de Carvalho e Saul Saragga, tio do noivo. Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo Machado Leal, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção. Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para o palácio do Buçaco, onde fôram passar a lua de mel.

Casamento da sr.ª D Elsa Maria José Lobato de Faria Roncon com o sr. dr. Carlos Augusto Ferreira

— Para seu sobrinho o distinto clínico sr. dr. Francisco da Costa Leite, foi pedida em casamento pelo sr. João Manoel da Costa, a sr.ª D. Maria Narcisa Natália Leite de Vasconcelos, gentil filha da sr.ª D. Maria das Dores Portilho de Magalhães Pacheco Pereira Leite de Vasconcelos e do sr. dr. António de Vasconcelos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Celebrou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Maria Emília do Carmo Levy, interessante filha da sr.ª D. Branca do Carmo Soares Branco e enteada do comandante sr. Eugénio Soares Branco, com o sr. alferes aviador, sr. Carlos Alberto Martins, filho da sr.ª D. Guilhermina Augusta Ramos Martins e do sr. Alberto Carlos Martins. Serviram de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria Leopoldina de Brito e Maia e de padrinhos o padrasto da noiva e o irmão do noivo sr. Joaquim Ramos Martins, presidindo ao acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi e do padrasto da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, aquêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Coímbra, para onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Raquel do Nascimento Vilela, com o sr. João da Silva Fonseca, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Helena O'Sullivand Simões Vilela, D. Alice Belo Sereno Marques, D. Alice da Silva Fonseca e D. Maria da Piedade Costa e de padrinhos os srs. Herculano Zacarias Vilela, António Gervásio Marques, Isidoro Sampaio de Oliveira e João Eduardo Costa.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.

As mulheres também brilharam na parte ginnástica do filme olímpico de Rietenfeld, donde se destacam os impecáveis exercícios de equilíbrio na trave da americana Caruccio

ESTÁ sendo activamente preparada a organização em Lisboa dum torneio desportivo reservado aos diplomados pelas faculdades e institutos superiores, aqueles cuja posição social é incluida na designação genérica das profissões liberais.

A ideia, da Autoria do distinto médico e desportista dr. Alberto Amado, é daquelas que não prescindem de meia duzia de palavras do comentário, tão feliz e interessante se afigura.

A formidável expansão desportiva no nosso país tem revestido na generalidade das suas manifestações a característica essencialmente popular. Embora a actividade física esteja admitida em todas as classes sociais como um benefício higiénico, continua a verificar-se com prejuizo do seu conceito — talvez só em aparência, mas focada no espírito público — uma separação entre os elementos das camadas intelectuais e os praticantes das diversas modalidades onde a competição é factor indispensável.

Existem, certamente, excepções típicas e numerosas mas que não bastam para alterar o conhecimento da regra, e se a iniciativa particular organiza com frequência provas de tôda a espécie destinadas aqueles que, por motivo da sua vida social ou qualquer outra razão, se alheiam das competições oficiais, elas assumem sempre o aspecto popular. Só agora se verifica a primeira tentativa reservada aos indivíduos cuja actividade profissional se desenvolve no campo do intelectualismo e que pode vir demonstrar à opinião pública, o interêsse que a essas pessoas merece a prática derivativa do exercício físico desportivo, usada nas horas de folga sem outra finalidade além da satisfação própria ou da conservação da saude e da mocidade do corpo e do espírito.

A vasta organização de conjunto representada pelo Torneio das Profissões Liberais, com suas provas de natação, tennis, bilhar, tiro reduzido, automobilismo, ping-pong, esgrima e golf, assume magnitude muito mais impressionante do que os exemplos dispersos e na quási totalidade anónimos, que um esforço de propaganda poderia apontar à sentença pública como argumentos comprovativos do apreço consagrado à educação desportiva pelos elementos sociais que, pela sua envergadura, conhecimentos e posição, representam a corrente orientadora da opinião nacional.

Por outro lado, o desporto, quando bem interpretado por espíritos ocultos e aplicado em moldes onde a competição, seja méro pormenor de necessidade técnica, é incontestàvelmente o melhor meio de aproximação e conveniência entre pessoas que a sua condição social devia aproximar, mas que a labuta diária involuntàriamente mantém dispersas. Dentro desta ordem de ideias, o Torneio imaginado pelo dr. Alberto Amado deve ser precioso factor de camaradagem e estreitamento de relações entre os indivíduos que trabalham no mesmo campo profissional ou em campos estruturalmente semelhantes; não interessa apenas áqueles que, por eventualidade, venham a figurar nas diversas equipas representativas, mas também a todos os seus companheiros de arte, pois quantos mais forem os elementos participantes, maiores probabilidades de valor incidem sôbre a selecção final.

Em organizações similares, onde o objectivo se desvia da preocupação do "máximo" e do mérito absoluto, é muito mais importante a expansão em superfície do que em profundidade; advogados, médicos, engenheiros, agrónomos, economistas, arquitectos, veterinários e letrados vão provar pelo seu entusiasmo e pela sua presença, que o facto de haverem consagrado a actividade ao trabalho intelectual não impede que adoptem o exercício desportivo como o compensador necessário ao equilíbrio da saúde e do vigor físico indispensáveis ao desempenho das respectivas obrigações profissionais.

■

Um dos primorosos finais de exercício em paralelas, tal como no-lo apresentaram os ginnastas alemães na segunda jornada do filme olímpico

A QUINZENA DESPORTIVA

O mês de Janeiro trouxe-nos a reabertura oficial da temporada de atletismo de inverno com suas tão interessantes corridas através campo, que "Os Sports" inaugurara no dia de Natal com a prova Popular.

As primeiras saídas prejudicadas pelo dia de chuva inclemente, foram bastante animadas dentro do quadro mesquinho dos recursos portugueses, mas provaram que a expansão da modalidade não progride apesar dos esforços porfiados dos dirigentes e organizadores. O número de concorrentes continua sendo escasso e aqueles reduzem-se aos corredores que, durante o verão, disputam em pista as provas de fundo.

Esta circunstância e a averiguada insuficiência de preparação e precária situação social dos nossos especialistas de longas distâncias, cria um antagonismo paradoxal entre a actividade, que pretende ser incitante e progressiva, dos dirigentes técnicos e as conseqüências que dela resultam em contrário do presumido.

Para auxiliar a propaganda da modalidade e, simultâneamente, para conquistar jús ao elogio público pela insistência do seu porfiado esfôrço, os dirigentes elaboram calendários abundantes, corridas quinzenais em intensidade crescente; o critério seria excelente se a quantidade de praticantes permitisse às colectividades variar os seus representantes e se êstes pudessem seguir regime higiénico de vida que assegurasse a recuperação das energias assim perdidas em consecutivos esforços intensos. Como nem uma nem outra coisa sucede, verifica-se que a afluência às provas vai deminuindo pela época adiante e que os rapazes atingem, na maioria, o período de pista fatigados ou com excesso de treino.

Por êstes comentários fica demonstrado que há no desporto nacional males que são de raiz e cujo remediar não está dentro dos recursos de quem assume a ingrata missão orientadora. Infelizmente estas verdades raro se lêem e a opinião desportiva vive ludibriada pelas aparências que lhe apresentam com forte adjectivação encomiástica que omite, por ignorância ou má fé, o que passa por detrás da cortina.

■

As corridas através campo estrearam-se em Portugal no dia 7 de Maio de 1911, por iniciativa da Liga Sportiva de Trabalhos Atléticos.

Concorreram a esta primeira prova, cujo percurso abrangia cinco quilómetros nos difíceis e acidentados terrenos circunvizinhos do actual campo da União Fabril, 48 atletas, número que ainda hoje constituiria afluência notável.

Foram oito os clubes inscritos, cada um dêles com seis homens na equipa, e é curioso apontar que, apesar do grande calor que fazia e da inexperiência da modalidade, apenas um dos participantes desistiu no meio da prova. Todos os restantes, melhor ou pior classificados, atingiram a meta, merecendo ao crítico do órgão desportivo da época, "Os Sports Ilustrados", apreciações entusiásticas cuja transcrição fará sorrir pelo estilo bem diverso do que hoje é empregado: "Era surpreendente o efeito produzido por êsse punhado de sportsmen que, sem um desfalecimento, com uma fôrça de vontade e uma energia que só o português sabe ter, ora saltando um obstáculo, escarpando um monte, atravessando um campo de piso irregular ou lançando-se a tôda a velocidade por uma encosta abaixo, corriam sempre no desejo de alcançarem uma boa colocação ou um bom lugar na classificação final".

O vencedor da prova foi o saüdoso Francisco Lázaro, que correu sob as côres do Sport Lisboa e Benfica, precedendo à chegada um dos seus companheiros de clube, Augusto Fernandes, de quem foi esta a única proeza conhecida. Seguiam Matias de Carvalho, do Sporting; Albino Abranches, do Império, e Augusto Barros, também do Sporting.

A classificação colectiva deu origem a grande surprêsa pois, devido à desclassificação de dois benfiquenses e um sportinguista, o Império alcançou o triunfo, seguido pelo Sporting, Benfica, Progresso, Internacional, Ateneu, Ginnásio e Escola Académica.

Na primeira corrida através campo tomaram parte desportistas especializados nas mais variadas modalidades, alguns nessas já consagrados, outros que só mais tarde vieram a marcar em destaque, como o futebolista Félix Bermudes, o tenista Plácido Duro, os corredores de velocidade Armando Cortezão, Salazar Carreira, Francisco Rocha e Germano de Vasconcelos, o corredor de barreiras Gabriel Ribeiro, o esgrimista António Montez, etc.

O nosso êxito alcançado por êste "cross" levou a Sociedade Promotora de Educação Física Nacional a incluir a prova nos seguintes Jogos Olímpicos Nacionais, a qual se disputou em 9 de Junho de 1912 com interêsse muito menor, reünindo apenas 19 participantes e três colectividades.

No ano imediato a experiência manteve-se sem melhor acolhimento e, até 1922, não voltou a repetir-se por organização oficial, reaparecendo neste ano em Lisboa onde coube a "Os Sports" a iniciativa do ressurgimento e inaugurando-se no Porto graças à intervenção da revista "Sporting".

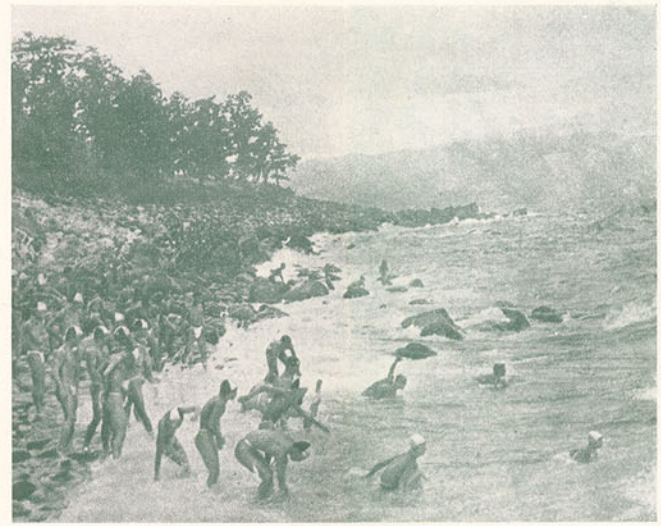
A partir desta data, que coincide com a reorganização dirigente do atletismo português, tem-se mantido regular seqüência na actividade das temporadas do atletismo de inverno, mas o desenvolvimento da especialidade, com seus altos e baixos, pode considerar-se nulo.

Durante os dezassete anos decorridos assistimos na capital a 65 jornadas de corrida através campo e, exceptuando as provas chamadas populares, contam-se com os dedos das duas mãos aquelas em que o número de concorrentes atingiu as quatro dúzias, como nessa saüdosa tarde primaveril de 1911 em que fiz a minha estreia em competições atléticas entre clubes, envergando a camisola listada a azul e branco do Ginnásio Clube Português, pois só no ano seguinte ingressei no Sporting.

Bons tempos, êsses!

SALAZAR CARREIRA.

A neve chama para a montanha os desportistas apaixonados pela vida livre; fugindo da atmosfera pesada das cidades, procuram aos domingos a satisfação higiénica dos passeios em esqui, que infelizmente em Portugal só na Serra da Estrêla são possíveis, em condições que as dificuldades de transporte tornam aqui irrealizáveis



A mestria dos nadadores japoneses provém em grande parte da enorme popularidade dêste desporto; eis um aspecto impressionante dos cento e cincoenta nadadores que êste ano disputaram na distância de dez quilómetros no mar agitado, o campeonato de fundo

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 31

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 22

(Totalidade — 17 pontos)

QUADRO DE HONRA

MARCOLIM

QUADRO DE MÉRITO

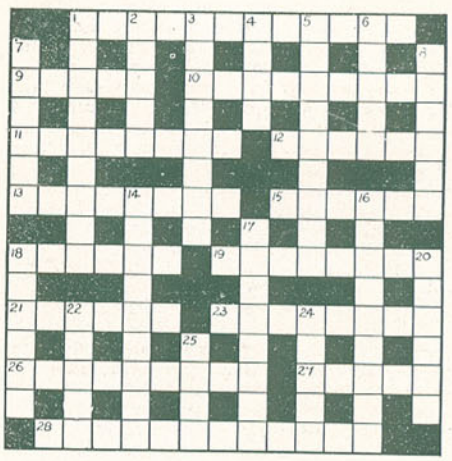
Rosa Negra, Ti-Beado, M. A. P. M., D. Pericles, Erbelo, Mr. Moto, Felix Lobato, Sir Bay, Aço, Papa-Almudes, Copofónico, Biscaro, Alvarinho, Meio-Kilo, Xá-bi-tudo, Seca-Adegas, Siulno, Tripa-Mágica, Eusapesca, Dama Negra, Mirna e Agásio — 16. Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Infante, Sevla, Francisco J. Courelas, Cavaleiro Branco, Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Diriso e J. Tavares — 15. Pimpas, D. O. X., Cigano e Aureolinda — 11. Dóris I, Larabastro, e Serrano — 10. Américo Dias e Aristofanes — 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Demais. 2 — Fachada. 3 — Marear. 4 — Que(bra)da. 5 — Ta(lan)te. 6 — Queque. 7 — Séria. 8 — Sôbre-humano. 9 — Apremar. 10 — Falado. 11 — Emanação. 12 — Ocaso. 13 — Mentira. 14 — A(gi)na. 15 — Me(du)la. 16 — Ma(ti)na. 17 — Quando chove na Ascenção até as pedrinhas dão pão.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 2



HORIZONTAIS

1 — Acção generosa. 9 — Vidas. 10 — Desafronta. 11 — Cinza, que contém brasas. 12 — Brejeira. 13 — Desfiladeiro. 15 — Argumento. 18 — Celibatário. 19 — Ambição. 21 — Escritor português. 23 — Concerto grosseiramente. 26 — Suportaram. 27 — Pátria. 28 — Recompor.

VERTICAIS

1 — Poeta português. 2 — Retalho. 3 — Rareza. 4 — Deshumano. 5 — Relativa à dança. 6 — Louco. 7 — Nacionalidade. 8 — Bálsamo de Perú. 14 — Correio. 16 — Topar. 17 — Deplorai. 18 — Moca. 20 — Afiar. 22 — Condene. 24 — Expungir. 25 — Deus do Amor.

Lisboa *Infante*

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Uma tarde, foi no v'rão,
nas margens do rio Liz,
ia a linda Conceição
conduzindo pela mão
um atrevido petiz.

O garoto — alma ladina —
larga a mão com arreganho
e, sem ordem da menina,
corre veloz, o traquina,
para o rio e... toma *banho!* — 2-4-5-1

A *multidão*, distraída, — 3-6-2
nem dá pelo movimento;
mas, depois, estarrecida,
sente-se logo impelida
p'ra tal *acontecimento*. — 4-2-7

Houve tanta chinfrinada,
no meio daquela berra,
que a linda jovem, coitada,
já bastante desmaiada,
tinha caído por *terra*. — 1-5-3-7

Que ao maroto do nini
lhe sirva a lição de emenda.
A jovem tornou a si
mas apanhou, que eu bem vi,
no dorso uma grande *fenda*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

CHARADA ANTIGA

2) «Recordar é viver», tornar Verdade
uma sombra — O Passado imorredoiro;
dar *espírito*, aroma duradoiro — 2
à divina miragem da Saüdade.

Recordar é soprar a cinza ao oiro
dum *pedaço* do Tempo e da Idade. — 2
Recordar Paz, Amor, Felicidade
— é contar as relíquias dum tesoiro!

Mora eterna a Saüdade em cada peito,
como o eco dum sonho já desfeito
a vibrar no cristal do Pensamento...

Mas... Quem lembra, quem colhe a flor sem vida
do Passado — ilusão falaz perdida
no olvido, em remoto arfar *de vento?*...

Lisboa *Bicho Knhoto*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

(Ao confrade Siulmo, para se entreter)

3) Meu «*olhar*» extasia-se perante o *solitário* campo que convida à *poesia*. 1-1

Lisboa *Alguém (T. E. — L. A. C. — G. X.)*

4) *Maldade, assim* só pode ter um *delator*. 1-1

Lisboa *Eusapesca*

(Ao Mestre Sileno, com a devida vénia)

5) *Por ventura* não será o mesmo que *porventura?* 1-2

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

(Ao confrade Ruvina, com os meus cumprimentos)

6) *Ela*, só ela, *forma* o meu *amor!* 1-2

Lisboa *Alguém (T. E. — L. A. C. — G. X.)*

7) Quem *por denúncia* procura vingança merece *desprêzo*. 1-2

Poço do Bispo *Mirones (L. A. C.)*

8) Tem *corrompida* a *alma*, todo o que peca *exageradamente*. 3-2

Poço do Bispo *Edmaro (L. A. C.)*

9) Eram de côr *púrpura* os *antigos povos da Germânia*, por isso se chamavam *godos orientais*. 2-2

Luanda *Zé da Eira (L. A. C.)*

(Agradecendo ao digno confrade Olegna, pela parte que me toca, a sua mefistofélica, inserta no «Desporto Mental» N.º 21)

10) É *nobre* o seu modo de *vida* charadística, com tôda a *certeza!* 2-3

Luanda *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICAS

11) *Defende* o *flanco* direito para que não fique *cercado pelo inimigo*. (2-2) 3

Lisboa *Siulno (T. E.)*

12) Com uma *moeda asiática* iludi um *criado de lavoira*, que me pareceu ser *negociante de escravos*. (2-2) 3

Luanda *Ti-Beado*

SINCOPADAS

13) Com uma «*moeda brasileira*» comprei um *fardo* de bacalhau. 3-2

Abrantes *Oacica (L. A. C.)*

(Ao egrégio confrade Bisnau)

14) *Enorme* paixão trás a minha alma *perturbada*. 5-4

Lisboa *Alguém (T. E. — L. A. C. — G. X.)*

15) O *moço de recados* gosta de andar de «*liteira*». 3-2

Luanda *Ti-Beado*

16) O que é *insignificante* tem um valor *óco*. 3-2

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

17) Não *consinto* que um beijo seja dado por *gracejo*. 3-2

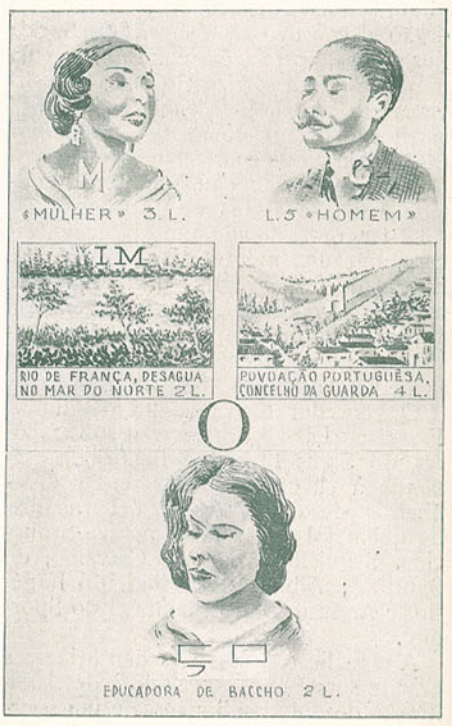
Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

18) Um «*solípede*» pisou-me um *pequeno tumor* produzindo-me imensas dores. 3-2

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

19) ENIGMA FIGURADO



Leiria *Magnate (L. A. C.)*

O PODER DA EDUCAÇÃO

A educação é absolutamente necessária e aos pais que têm a seu cargo a educação dos filhos, como é justo e natural, são investidos por Deus e pela sociedade duma alta responsabilidade, que lhes deve ser pesada e sôbre a qual devem reflectir.

Amar os filhos não é como muita gente pensa fazer-lhes tôdas as vontades sejam elas acertadas ou não; nem tão pouco viver na sua adoração e dar lhes a entender que êles são os senhores do mundo e que os pais e todos os que os rodeiam são os seus escravos.

Embora seja no fundo assim, porque em geral os filhos não se sacrificam pelos pais e os pais, fazem e devem fazer pelos filhos todos os sacrifícios, nunca os pais devem dar a conhecer aos filhos que assim é, e, devem educá los, mantendo sempre a sua autoridade e não consentindo de maneira nenhuma que as crianças sejam indisciplinadas e malcreadas com as pessoas crescidas e também que mecham em tudo, partindo e estragando.

Nada mais desconsolador do que entrar numa casa e ver tudo destroçado, os «bibelots» fora do seu lugar, a casa em desordem, porque há uma criança ou crianças e estragam o que há em casa.

E' um diploma de incompetente, como educadora à mãe, que tal consente ou proporciona a seus filhos supondo que é assim uma bôa mãe, porque sacrifica o bem-estar duma família inteira ao capricho duma criança.

A mulher que assim pensa não é uma bôa mãe, porque é uma má educadora e quem não ensina e não educa os seus filhos, ensinando-os a respeitar o que há em casa e que muitas vezes é adquirido com sacrifício pelos pais, e, com o trabalho esgotante do chefe de família, não cumpre com um dos mais sagrados deveres, que é tornar numa criatura útil e afável o ente a quem deu o ser, não permitindo, que um mal entendido amor desenvolva as más qualidades que podem existir nessa pequenina alma, que tem de aperfeiçoar, disciplinando-a e limando-lhe tôdas as arestas. As coisas têm de ser compreendidas como são e não com sentimentalismos inuteis, e, nunca se deve chamar uma bôa mãe, aquela que não estuda o caracter de seus filhos e não o modela o mais possível no sentido do aperfeiçoamento.

Sôbre educação, li há tempo a história duma pequena bailarina que todos conhecemos do cinêma, e, que é uma rapariguinha muito simpática no seu trato, devido aos cuidados de sua mãe, que atendeu sempre à sua educação num sentido prático.

Trata-se de Eleanor Powell, uma das artistas de cinêma mais queridos em Hollywood. Eleanor não deslumbra pela sua beleza, nem conquista pela sua arte, embora seja uma bôa bailarina. Seduz pela sua bôa educação.

Quando chega pela manhã ao Studio, para todos a graciosa rapariga, tem um atraente sorriso e o seu amável cumprimento é correspondido com a maior simpatia pelas suas colegas e pelos maquinistas, e por todos que sentem irradiar sôbre si o encanto duma pessôa bem educada.

Há muita gente que assim é, e nasce assim, desde criança que a simpatia e a amabilidade, fazem de certas pessôas, entes à parte, mas miss Powell não pertence a êsse grupo.

A jóvem é bondosa, amável e delicada, porque aprendeu a sê-lo, mas a-pesar-de ter adquirido êstes excelêntes predicados, de tal forma se lhes adaptou que hoje é perfeitamente sincera, o que a torna muito simpática.

Na sua infância, a pequena Eleanor, essa completamente diferente, uma criança muito engraçadinha, mas que até da sua própria sombra tinha mêdo. Não tinha companheiras de brinquedo, fugia de todos e passava horas sòzinha à janela da sua linda casa de Springfield.

A mãe da pequena Eleanor, compreendeu que tinha que enfrentar um sério problema. Não é bom sinal quando uma criança tem modos extranhos se nega a brincar com outras crianças e passa horas sentada numa cadeira contemplando a paisagem, que se desenrola ao longe.

Mrs. Powell, era uma mulher enérgica, mas pobre, tinha apenas o essencial para viver com a sua única filhinha, fez um sacrifício e matriculou-a numa escola de bailados.

Para a pequena foi um martírio, ela que tanto mêdo tinha às outras crianças! Mas sua mãe tinha-a habituado a obedecer e lá foi sem recalcitrar. Não se pode imaginar o que esta pequena sofreu no primeiro dia que a professora a fez dançar diante das outras pequenas, Pediu por tudo à mãe que a tirasse da escola, mas a mãe não acedeu.

No fim dum mês, já a pequena tinha mudado.

Durante anos a mãe e a filha, sofreram privações, mas Eleanor tinha a seu favor ser mais dada e a gimnástica da dança mudou a sua constituição física.

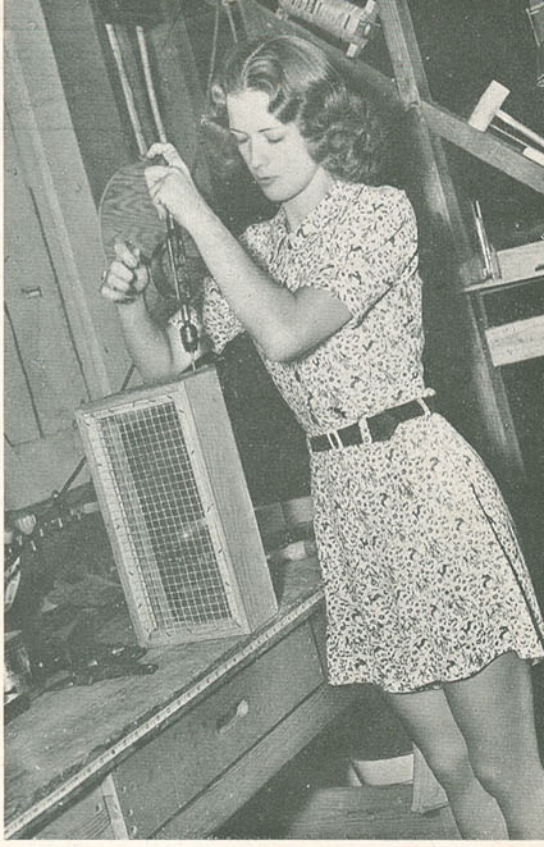
Hoje ela é infatigável suporta admiràvelmente as fadigas do seu modo de vida e nunca está cansada, sendo proverbial na Metro-Goldwyn-Mayer onde trabalha o seu bom humor e a sua boa disposição.

Em «Rasahe» o célebre filme musical era extenuante o seu trabalho, mas nunca ninguém a viu cansada ou mal humorada, depois dos mais dificeis passos ela conversava com a maior amabilidade com três visitantes que lhe tinham sido apresentados e que nunca tinha visto nem tornaria a ver.

Eleanor gosta hoje de se rodear de amigas sinceras e de conviver afectuosamente. Apaixonada pela sua arte dansa consecutivamente, diante de quem sinta prazer em vê-la; sem mostrar cansaço.

Muita gente poderia aprender com Eleanor a ciência da convivência e do saber viver socialmente, para ela uma coisa importante é ser delicada, retem com cuidado o nome das pessôas porque reputa uma indelicadeza esquecê-los, e, sendo uma rapariga cheia de vida e animação, mantem na sua vida íntima a maior correção e o mais profundo respeito pela sua mãe.

Mas esta cuidadosa mãe ao ver a tendência que a sua filha tinha para o trabalho de carpinteiro, dotou-a também com o conhecimento dêsse trabalho manual a que ela dedica as suas horas vagas.



Eleanor Powell é carpinteira de coração, na sua casa tem uma completa oficina com bancos ferramentas e tudo o que é necessário para êsse trabalho, podendo assim dedicar-se a êle sempre que lhe apetece o que é muitas vezes. A nossa gravura representa-a entregue ao seu passatempo favorito.

Esta mãe que soube estudar o caracter de sua filha, reconhecer-lhe o lado fraco e os defeitos e modificá lo merece sem dúvida a maior atenção, porque foi uma boa mãe. Pobre, ela tinha que dar-lhe uma profissão, escolheu aquela que a podia tornar mais forte e mais sociável, não a abandonou porém, num meio em que poderia prejudicar-se, e, com os seus conselhos conseguiu tornar a sua filha num exemplo, num meio em que a verdade nem sempre floresce.

Estudar o caracter das filhas modificá-lo, melhorando-o é um dever maternal e se a mãe se dedica a ser unicamente mãe poderá conseguí-lo como o demonstra a história desta simples bailarina.

Hoje é uma artista rica, adulada, e o que é melhor ainda querida pela sua bôa educação e respeitada pela sua maneira de proceder.

Saber ser mãi não é seguir o instinto e deixar os filhos fazerem tudo o que lhes apetece. Não é também abandoná-los aos seus instintos, nem tão pouco satisfazer-lhes todos os caprichos.

É formar-lhes o caracter, fortificá-los ensinar-lhes a viver em qualquer meio mantendo a sua personalidade e a sua isenção, ser delicados e amaveis, sem deixar de se respeitar a si próprios, e ter uma maneira de ser que as imponha, aqueles que são obrigados á sua convivência.

E ter sempre presente que a educação pode muito na formação do caracter e que os pais têm a grande responsabilidade da formação dêsse caracter que constituirá uma segunda natureza durante uma vida inteira.

Amar os filhos é natural e é um instinto, educá-los é um dever e uma obrigação tanto mais imperiosa, quanto mais difícil se apresenta e mais necessária é.

Não basta, portanto, rodear os filhos daquele carinho e daquela ternura, cobri-los de afagos que sempre recordarão através da vida, deixando a mais grata recordação impregnada de saüdade; é necessário cuidar-lhes desveladamente da mais salutar educação que constituirá a base sólida e inexpugnável da sua felicidade futura.

MARIA DE EÇA

PÁGINAS FEMININAS

No Parlamento foi debatido há pouco um importante assunto, pelos nossos legisladores, assunto que interessa forçosamente todos os que desejam ver saneado o meio moral, e, que anceiam porque no futuro a raça seja física e moralmente perfeita.

Trata-se da morigeração de costumes e da influência do cinema na formação das almas juvenis. Não pode haver melhor meio de moralizar, do que evitar que as crianças e os jovens sejam poluídos desde a mais tenra idade por espectáculos imorais, e, infelizmente o cinema que bem aproveitado pode ser o melhor meio de difusão de instrução e de beleza, torna-se um verdadeiro veículo de desmoralização.

A lei que proíbe às crianças até aos sete anos a entrada nos cinemas e que limita os menores de dezasseis anos à frequência de filmes próprios para a infância, pode chamar-se benemérita e uma das leis mais protectoras da população, porque se é um crime destruir a saude das crianças ou jóvens com uma vida pouco higiénica e com o uso de estupacientes, por exemplo, não é menor crime envenenar-lhes a alma e desenvolver-lhes instintos, que sem um espectáculo imoral dormiriam talvez para sempre, no recôndito do subconsciente.

Mas nem só as crianças e os jóvens precisam de ter a sua alma e a sua moral protegidas pela lei, há mulheres de nervos fracos e sensíveis, de imaginação fantasiosa e digamos a palavra de perigosa histeria, para quem certo cinema, apresentado com beleza e com arte é um pernicioso veneno moral.

Eu gosto de cinema e encontro nalguns filmes, profundo encanto e maior utilidade, mas nesse género de espectáculo encontro duas distracções, aquela que me apresenta o pano branco do «écran» e a que me proporciona a reacção do filme na alma dos espectáculos que me rodeiam e que são influenciados não só pelo espectáculo em si, mas por aquele ambiente de escuridão, que permite uma maior absorção do bem ou do mal, que o «écran» reflete.

Ainda há pouco num dos nossos cinemas assisti a um espectáculo em que o filme de fundo apresentava num admirável cenário e muito bem representada a mais imoral das teses, a da mulher, que porque não encontra no marido uma excessiva ternura se apaixona pelo amigo de seus filhos e no fim da juventude, foge com um rapazito que poderia ser seu filho.

Nada pode haver de mais degradante para uma mulher que essa anormalidade, que dá o triste espectáculo duma desmoralização de mente.

Pois bem; mulheres novas, senhoras com seus filhos umas, e outras na flor da vida discutiam o assunto com a maior simpatia, pela culpada de tão horrorosa falta, antipatia pelo marido e não lhes ouvi uma palavra de comiseração para a dor do filho mais novo admiràvelmente esteriorizada pelo jovem achar que encarnou o personagem, a única dor que ali comovia, o que as não impedem de verterem sentidas lágrimas com a dor da protagonista que muito naturalmente e com justiça é trocada por uma rapariga nova para fundar uma família.

Esta esteriorização de sentimentos por expressão de opiniões, deixou-me triste, ao constatar a perversão de sentimentalidade na mulher dos nossos dias.

E de onde lhe vem essa modificação de sentimentos? Dos espectáculos a que se habituou, porque a mulher portuguesa pode ter como a mulher de qualquer outro país os seus defeitos, mas até há poucos anos, era acima de tudo, mãe. O amor de mãe era o seu grande sentimento, aquele que a elevava acima de tudo.

Podia ter paixões, fraquezas, era humana, mas a verdade era que raramente tinha perversões e vícios, e, na mulher honesta e digna havia uma certa intransigência, para tudo o que ferisse os sentimentos maternais e a dignidade da mulher.

Hoje, já assim não é e a que atribuir senão à vida moderna dos grandes meios, com a qual, o cinema nos põe em constante contacto.

E' portanto muito para louvar a iniciativa do Govêrno, protegendo os menores contra o veneno de certos espectáculos e muito para desejar que a censura não permita filmes, que tenham uma má influência, nos espíritos fracos de muitos maiores, a quem os cenários e o ambiente transtornam, a ponto de não saber discernir o que é bem e o que é mal inclinando-se sem bem o compreender, para aquilo que deviam condenar.

Faça-se do Cinema, um divulgador de arte e de beleza material e moral, e hoja o maior cuidado para que numa inocente distracção, que se busca, não se vá encontrar a semente do mal que tão fàcilmente germina e cresce numa terrível seara de malefícios e desgraças.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Está a aproximar-se o Carnaval época de muitas festas. Lisboa que ao contrário das outras capitais europeias é bastante pacata na sua vida de sociedade durante o inverno, anima-se nesta época e sucedem-se umas às outras as festas, bailes, assaltos e diversões, que tornam indispensável uma vista de olhos aos vestidos de noite.

Há senhoras que imaginam uma obrigação apresentar um vestido novo em cada festa que freqüentam; supõem que a elegância está na grande variedade, e, como nem sempre a sua bolsa está à altura de fazer três ou quatro vestidos de noite bons, (as «toilettes» de noite são sempre dispendiosas) fazem vários vestidos, que económicos não têm elegância nem «chic».

É muito preferível ter um ou dois vestidos de noite, mas que êsses sejam bons e elegantes, e, se apresentarem o mesmo vestido em várias festas se êle é elegante não receiem estar mal.

A mulher estrangeira não tem essa preocupação da variedade e em festas diplomáticas no estrangeiro, vêem-se senhoras duma rara distinção e elegância usar em várias festas o mesmo vestido e como não será assim, nesses meios onde quási tôdas as noites há bailes, jantares e recepções?

Nem o guarda-roupa das Mil e Uma Noites chegaria para ter um vestido para cada festa. O essêncial é saber escolher o vestido que faça realçar a elegância e que favoreça verdadeiramente, assim vestida pode uma senhora apresentar-se sem receio de estar ridícula.

Hoje dedicamos estas páginas às «toilettes» de noite para que as senhoras possam escolher o que melhor lhes vai.

Em primeiro lugar um lindíssimo vestido de noite de grande novidade, elegância e riqueza.

Renda preta finíssima sôbre um vestido em «lamé» de prata e rosa côr de carne. Sôbre a renda laços de veludo preto em aplicação. O corpo do vestido, muito justo não é decotado e fecha no pescoço com um laço de veludo preto. A saia muito ampla e rodada está guarnecida pela riqueza dos tecidos e remata na cintura com outro laço de fita em veludo preto. O penteado ao alto, muito senhoril é uma obra de arte de graça e elegância.

Para jantar, um elegantíssimo e simples vestido em «lamé» de cobre. Pouco decotado tem mangas compridas justíssimas. A frente do vestido é formada por um pregueado em leque. A saia justa e muito comprida é talhada ao niez. Um largo cinto em género de facha do mesmo tecido e veludo côr de tulipa, desce em largas pontas à frente da saia. Êste vestido modelará admiràvelmente um corpo bem feito. O penteado também muito moderno é todo em rôlos no alto da cabeça.

Para senhoras muito novas dois bonitos vestidos. Um em veludo preto muito simples acompanha-o uma rica e linda capa em raposa branca do Artico. O penteado é guarnecido com flores, fitas e caracóis, que da nuca descem ao pescoço. Êste penteado convém às senhoras a quem o cabelo ao alto não favorece. Luvas altas em pelica «glacée» acompanham êste lindo conjunto que é acompanhado por um vestido em «lamé» de prata e azul turquesa num lindo desenho de tulipas. Capa duma outra forma também em raposa branca, fechando com duas patinhas do animal. O penteado no mesmo género do outro é guarnecido a «miositis» em veludo e fitas de prata, luvas altas acompanham o conjunto.

Esta época é a da gente nova, por isso deixámos para o fim esta elegante «toilette» para menina, em gaze «cluffou» côr de rosa, mas-queado de pintas de veludo castanho. Saia ampla o corpo cruzado nas frentes mangas tufadas até ao cotovêlo, êste vestido é usado por cima dum vestido em setim côr de rosa. O cabelo enrolado à pagem num penteado quási infantil é seguro por um travessão formado por pequenas pérolas. E' uma «toilette» juvenil o mais possível e muito graciosa, que tornará gentilíssima qualquer menina que a use.

UTILIDADE DAS SOLTEIRONAS

Trata-se da história dum «club» e desta vez não é da América nem da Inglaterra, e não serve apenas para satisfazer um simples capricho dos seus membros, mas serve para fazer o bem.

Algumas senhoras e meninas não muito jovens mas ainda longe da velhice, da cidade de Pretoria na Africa do Sul, pensaram em dedicar ao bem do próximo o tempo que tinham livre, elegendo-se tias voluntárias das crianças obrigadas a estar longas horas sós, enquanto os pais estão no trabalho.

Basta telefonar ao «club» das tias voluntárias para que uma das sócias vá imediatamente à direcção indicada, como morada, e, se dedique durante algumas horas a brincar ou a levar a passeio as crianças que lhe são confiadas, vigiando as suas refeições, que a mãe prepara antes de sair.

Como êste serviço é «gratis» e as tias voluntárias amam as crianças, se assim não fôsse não seriam sócias dêsse «club», pode imaginar-se com que confiança as famílias pobres e trabalhadoras, lhes entregam as crianças, e, como foi bem acolhida em Pretoria esta interessante obra.

Aí fica a sugestão às senhoras solteiras que gostam de crianças e que as não têm na família. Satisfazem o seu gesto e prestam belo serviço.

HISTÓRIA DUMA BONECA

Existem em tôdas as cidades grandes clínicas especiais para curar as bonecas partidas mas o que é certo é que nenhum médico ou médica de bonecas se pode comparar com Cynthia Tarley, a quem são confiadas para tratamento as «filhinhas» de porcelana, das pequenas milionárias da América do Norte.

Porque a verdade é que as pequenas milionárias da América são como tôdas, as pequenas ricas ou pobres do mundo inteiro, uma das suas bonecas nem sempre a mais bonita e a melhor, é a preferida do seu coração, aquela que a acompanha sempre que dorme com ela na sua caminha e que se por acaso se parte, causa um grande desgôsto e que as pequenas querem mandar arranjar, embora lhe prometam outra melhor.

E' aquela que amam é aquela que querem e não há boneca que as possa satisfazer senão aquela a quem deram o seu coração.

Uma destas pequenitas veio a Paris com o pai e a mãe numa viagem de recreio, acompanhava-a a professora e a sua boneca preferida, aquela que nunca a deixava.

Logo que chegou à capital da França a pequenina caiu doente e teve de passar do hotel para um sanatório. Um dia no delírio da febre deixou cair ao chão a boneca, que não abandonava e a boneca ficou tôda partida.

Os pais compraram imediatamente outra boneca, uma das mais lindas bonecas de Paris, mas a criança não queria nem vê-la e chorava sem consolação, desesperadamente o que aumentava assustadoramente a febre.

O pai mandou um telegrama a Cynthia Tarley para Nova-York e a célebre médica de bonecas embarcou para Paris, no primeiro paquete a partir, foi à clínica e debaixo dos seus dedos maravilhosos renasceu a boneca tal como era antes do desastre, com grande alegria da doentinha que melhorou consideràvelmente.

A alegria dos pais foi também enorme mas temperada com a conta apresentada por Cynthia Tarley, 5.000 dólares, o que em dinheiro europeu representa uma bem respeitável soma.

Mas para o amor dos pais, sobretudo se são milionários, não há dinheiro que pague a saúde e a alegria dos filhos.

HIGIENE E BELEZA

Para conservar a beleza é necessário tratar primeiro a saúde, porque um rosto devastado pela doença, nunca pode ter um aspecto sedutor, assim como um corpo que o mal fustiga, não tem elasticidade nem elegância, naturalmente descaído, perde o aspecto de vigor que torna graciosa a linha estilizada moderna, que sem êsse aspecto daria à mulher a aparência duma doente.

Como medida higiénica e portanto meio de adquirir beleza aqui temos a receita dum banho reconstituinte para aquelas que se sentem enfraquecidas e anemicadas pela vida da cidade.

Chama-se o banho de mar artificial e eis a sua fórmula: ioduro de potassa 2 gr. e meia, bramuro de potassa 5 gr., cloruro de magnésia 500 gr., cloruro de cálcio 250 gr., sulfato de magnésia 500 gr., sulfato de soda 1 kg., cloruro de soda 3 kg.

Esta porção dá para dez banhos e ao entrar na água, fechando os olhos terão a impressão de se estar banhando nas águas do Atlântico que banham a nossa linda costa e beijam a areia doirada das nossas praias.

OIRO PARA A GUERRA

Anuncia uma revista britânica que a campanha recentemente iniciada na China com o título «Dê o seu oiro ao govêrno» despertou num septuagenário tão patriótico fervor que não vacilou em entregar o seu último dente que ainda se conservava com uma corôa de oiro. Não era muito, mas emfim sempre ajudaria a crescer o monte dos fundos de guerra.

O caso é que esta campanha, tendo começado no dia do primeiro aniversário da guerra sino-japonesa, produziu já quási um milhão de libras esterlinas.

O mesmo se está passando no Japão, visto que

a falta de dinheiro se nota assustadoramente dos dois lados.

E se a guerra acabasse por absoluta falta de recursos pecuniários de cada uma das partes?

DE MULHER PARA MULHER

Suzette: E' muito simpático, o seu interêsse pelo nosso país e o desejo de bem o conhecer. Nas proximidades de Lisboa visto já ter visto os palácios de Sintra, tem Mafra monumento muito interessante, o palácio de Queluz duma graça «racaille» que lhe deve agradar. Mais longe permitindo-lhe ir e vir no mesmo dia, tem Alcobaça e a Batalha se se demorar e quizer visitar a província, posso indicar-lhe mais alguns monumentos. Escreve muito bem o português.

Marietta: Tem-se simplificado muito as «toilettes» de cerimónia nos casamentos e vêem-se muito os vestidos «tailleurs» em veludo inglês com uma blusa em «lamé», chapéu com uma «aigrette» ou pluma e aí tem uma «toilette» elegante e que pode usar na rua.

Arrependida: Não vale a pena êsse arrependimento por tão pouco. Claro que pintar o cabelo para modificar a côr é sempre uma tolice, mas agora é deixá lo crescer e suportar essas manchas até chegarem à altura de os poder cortar. Um interessante é «San Michele» de Axel Munthe.

RECEITAS DE COZINHA

Torta suiça: 15 gramas de fermento inglês, 3 ovos, 100 gramas de açúcar pilé, meia colher de chá de essência de baunilha, 70 gramas de farinha de trigo, 1 colher de sopa com água bem quente, 2 colheres de sopa de dôce.

Barrar com manteiga e forrar com um papel uma forma quadrada e baixa. Bater as claras dos ovos em castelo juntar depois as gemas, uma gema de cada vez, batendo bem. Deitar o açúcar e mecher até estar dissolvido.

Misturar a farinha com o fermento e juntá-los á agua bem quente e á essência tendo cuidado de desfazer bem a farinha para não ficar encaroçada.

Misturar tudo levemente e deitar logo na forma, que é a primeira coisa a preparar e levar a cozer a um forno bem quente durante dez minutos pouco mais ou menos.

Tirar para fora e por em cima dum papel polvilhado de açucar depois espalhar por cima o dôce da fruta que se escolheu e que deve ser aquecido e enrolar a torta e polvilhar com açúcar pilé.

Para que esta torta fique bonita deve haver o maior cuidado no bater e cozer da massa.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 2
Copas — A. 2
Ouros — A. 3, 2
Paus — 3

Espadas — 3	**N**	Espadas — R. D.
Copas — R. 7	**O** **E**	Copas — 10, 8, 3
Ouros — V. 10, 9		Ouros — D.
Paus — R. V.	**S**	Paus — D. 10

Espadas — — —
Copas — D. V. 9
Ouros — R. 5, 4
Paus — A. 2

Sem trunfo. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A *e*, **E** — 6 *e*. (a).
S joga 7 *e*, **E** — R *e*.
Qualquer carta que jogue **O**, **N** tem a mão e baldando-se **S** à D *e* no A *c* faz tôdas as vasas.

(a) Se **E** não joga 6 *e*.
S joga A *e*, **E** — R *e*.
S joga D *o*, **E** — 8 *o*. (b).
S joga A *o* e 7 *e*, **O** faz 9 *e* e **N** as restantes vasas.

(b) **S** joga D *o*, **E** — R *o*.
Se **E** joga 6 *e*, **S** faz D *e* e 7 *e* e joga 4 *o*.
Se **E** joga 10 *c*, **N** faz A *c* e joga 3 *e* cumprido as 6 vasas.
Se **E** joga 8 *o*, **N** faz V *o*, joga A *c* para **S** se baldar a 4 *o* e joga 3 *e* fazendo **S** as três vasas.

Rapazes e raparigas

(Solução)

As raparigas eram 20.

Os objectos escondidos

(Solução)

São os seguintes os 17 objectos: Maçã de jogar o *Cricket*, pá, caçarola, tijela, vela, bengala, jarro, regador, concha, cachimbo, canivete, livro, lápis, balde, copo, alfinete de segurança e prato.

Definições da vida, segundo vários autores estrangeiros:

A vida é um sonho. — *Calderon.*
A vida é uma fortaleza. — *Napoleão.*
A vida é uma chama. — *Bernard Shaw.*
A vida é uma escada. — *Sir Richard Burton.*
A vida é uma brincadeira. — *John Gay.*
A vida é uma tragédia. — *Swift.*
A vida é um conto de fadas. — *Hans Andersen.*
A vida é um pouco de fumo. — *W. E. Henley.*

Aritmética

(Problema)

Quantas vezes se pode subtraír um fósforo, de 100 fósforos?

Na Bélgica, considera-se, agora, distinto para um cavalheiro, trazer sempre um guarda-chuva, ao qual familiarmente se chama «*un chamberlain*».

Catedral gigante

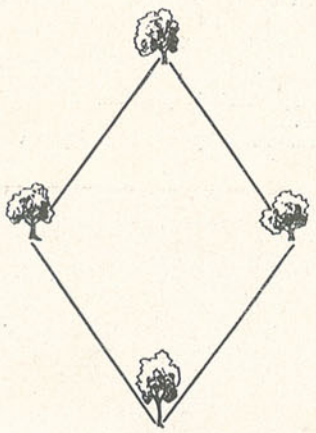
Na construção da catedral metropolitana católica de Liverpool, fôram empregados três milhões de tijolos, e uma quantidade enorme de granito. Será uma das maiores catedrais do mundo.

A plantação

(Problema)

No diagrama aqui apresentado vêem-se 4 árvores plantadas nos cantos dum recinto em forma de rhombo.

O dono do terreno que rodeia êste recinto



comprou mais cinco árvores semelhantes e queria plantá-las, quer dentro quer fóra do recinto, de tal maneira que as 9 árvores formassem *dez* filas de árvores, com três árvores em cada fila.

Como conseguiria êle isto?

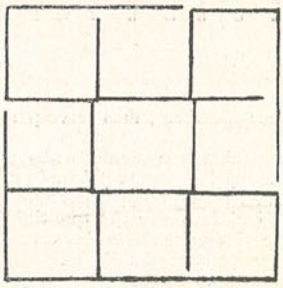
Ilusão efémera

A mãi da célebre cantora Lily Pons, madame Marie Pons, foi ultimamente ter com sua filha, a Nova-York, levando comsigo uma bagagem frágil e preciosa. Trata-se duma boneca confeccionada por um artífice parisiense e cuja particularidade harmoniosa — é cantar com uma voz cristalina, as três notas da grande ária da *Traviata*. Além disso, êsse minúsculo manequim possui os cabelos, o nariz, os olhos, o queixo, a bôca da cantôra, e mede 75 centimetros.

Encomendada em Paris, por uma grande firma americana, a boneca Lily Pons, vai ser reproduzida nos Estados-Unidos em milhares de exemplares. E os cidadãos das mais pequenas cidades americanas poderão assim ter uma ilusão durante... três notas!

As quatro linhas

(Solução)



Vê-se aqui distinctamente o traçado das quatro linhas contínuas, todas iguais entre si e separadas umas das outras.

Extraordinário

Irving Berlin, o compositor de tanta canção célebre, não conhece uma nota de música.

Foi em 1923 que se estreou na carreira. Era, nessa época, criado de restaurante, dum restaurante chinês, no East-Side de Nova-York. Martelava no piano, de quando em quando, e compunha assim o reportório da casa.

Começou a fazer sucesso, e desde então Irving Berlin compoz trezentas melodias que adquiriram fama internacional.

O mais extraordinário, porém, é que não conhece, pràticamente, uma única nota de música. Compõe as suas canções, ao piano, tocando com um dêdo só. Os seus colaboradores têm depois de escrever a música e lhe acrescentar os contratempos e as síncopes.

Preguntaram-lhe, ao chegar recentemente a Paris, o que pensava da nova dança «Lambeth Walt»:

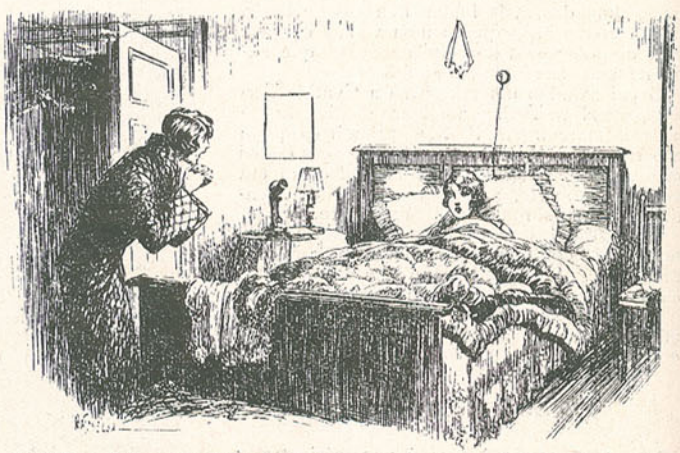
— É uma loucura, disse êle, nascida duma dança holandesa e dum rítmo negro, que desaparecerá tão rápidamente como nasceu. Mas, por agora, acho-a tão interessante como as outras.

Biblioteca num jardim

Um município dos Estados-Unidos, instalou num jardim público uma biblioteca ao ar livre.

Os livros são gratuitamente emprestados às pessôas que desejam lêr no jardim. Têm sòmente de os restituir, ao retirarem-se.

Há já uns poucos de mêses que esta biblioteca ao ar livre funciona e os pedidos de livros aumentam sem cessar.



A criada: — *Fogo, minha senhora, fogo!*
A senhora (pausadamente): *Fogo? Então dê-me cá o meu roupão vermelho e; um par de meias côr de fumo.*

(Do «Punch»).

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462$61

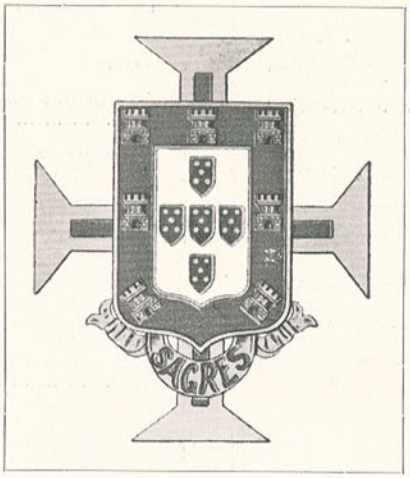
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

ENCONTRA-SE QUÁSI ESGOTADO O

Almanaque Bertrand

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por MARIA FERNANDES COSTA

Único no seu género

A MAIS ANTIGA E DE MAIOR TIRAGEM DE TÔDAS AS PUBLICAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante
por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso vol. de 384 págs., ilustrado com 374 grav.

Cartonado..... **10$00**
Encadernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia
e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

O mais económico

O mais interessante magazine mundial

O DE MAIOR TIRAGEM

O de mais actualidade que se publica em Paris

MATCH

FORMIDAVEL DOCUMENTÁRIO

dos mais palpitantes assuntos

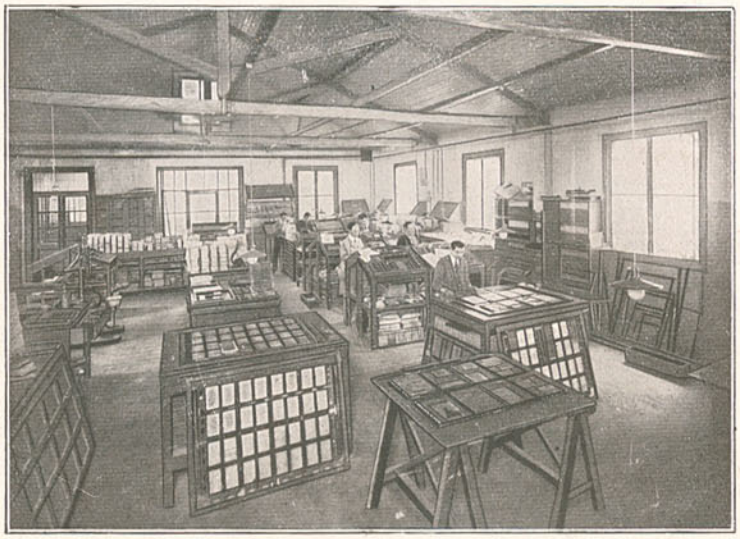
48 págs. profusamente ilustradas, apenas

Esc. 2$60

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

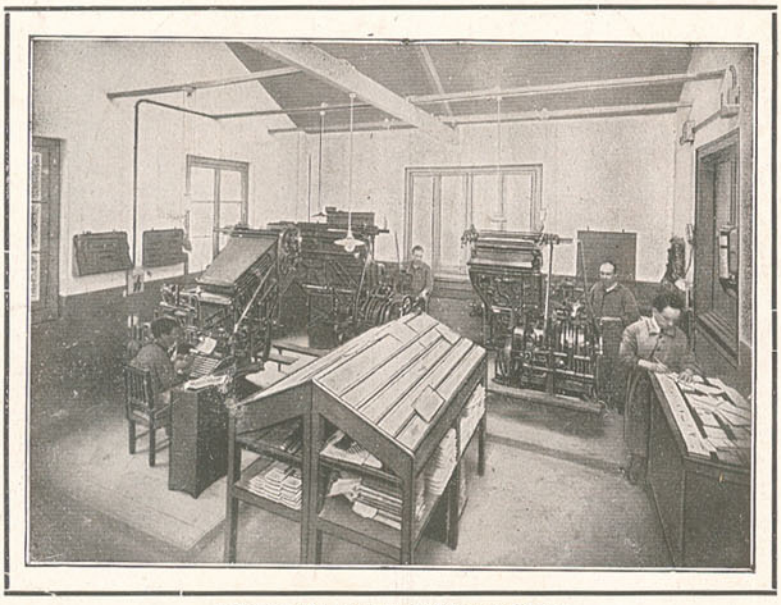
❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

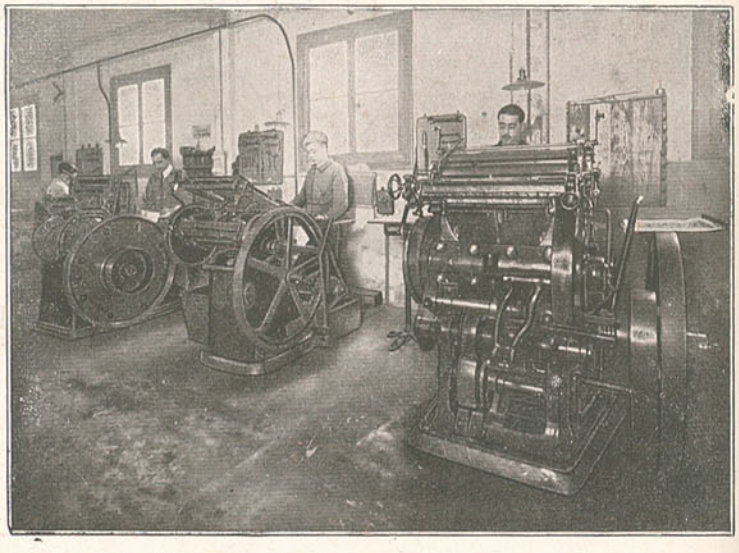
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão